



# Gazeta Valeparaibana

2020

## EDITORIAL

Caros leitores, amigos e colaboradores

Certa vez uma mãe levou seu filho até Gandhi e lhe pediu:

- Por favor mestre, fale para meu filho parara de comer doces, ele o respeita e de certo o ouvirá.

Gandhi então lhe pediu que trouxesse seu filho na próxima semana e, assim, na semana seguinte ela o levou até ele. Logo que chegou, Gandhi lhe disse:

- Esta semana ainda não, volte na próxima semana.

**Página 2**

## CRÔNICA DO MÊS

O que é o racismo?

Um dos problemas que enfrentamos há séculos e que ainda vem causando cada vez mais a exclusão, desigualdade social, violência, denominadas discriminação ou preconceito afetando, direta ou indiretamente, indivíduos e grupos sociais pela etnia ou cor, é o racismo.

O que é racismo?

Uma forma de preconceito ou discriminação pela cor da pele ou origem étnica.

Genha Auga

**Página 3**

## O Sagrado e a Literatura no Brasil



Pensar o sagrado no Brasil é reconhecer as peculiaridades que possui um país que tem sido marcado por uma intensa abundância cultural, que resulta numa mistura de crenças, cultos e religiões.

Mariene Hildebrando

**Página 8**

## A NOVA ORDEM MUNDIAL E A PLANDEMIA DE CORONAVÍRUS.

Revelado o grande plano de redefinição: Como COVID inaugura a nova ordem mundial

Em outubro de 2019, um grupo de 15 empresários, funcionários do governo e médicos se reuniram em Nova York para planejar a resposta global a um surto mundial de um coronavírus nunca antes visto e completamente fictício.

Foi um exercício de treinamento com semelhanças assustadoras, em retrospectiva, com o 2019-nCoV.

Três horas e meia depois, o grupo completou o exercício de simulação e, apesar de seus esforços, eles foram incapazes de evitar que o hipotético coronavírus matasse 65 milhões de pessoas..

Monkey e Elf

**Página 4**

“Tudo que o homem não conhece não existe para ele. Por isso o mundo tem, para cada um, o tamanho que abrange o seu conhecimento”.

Carlos Bernardo G. Pecotche

“O espectro político esquerda-direita é criação nossa. Na verdade, reflete cuidadosamente nossa polarização artificial minuciosa da sociedade, dividida em questões menores que impedem que se perceba nosso poder”

A tecnocracia oculta do Poder

## TAMBÉM NESTA EDIÇÃO

**Nestor, o advogado do diabo**

**Página 5**

**O racismo integra a formação e desenvolvimento do Capitalismo a la brasileira, negar a sua existência também**

**Página 7**

**A açucarada língua portuguesa: Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI**

**Página 9**

**Preço da Comida: Ao Invéis de arroz, feijão e alimentos, Agro Negócio planta mais Soja pra exportação.**

**Tem que desenhar?**

**Página 10**

**E muito mais...**

**Confira!**

## Fascismo 2.0 em oito lições



Aos poucos, vão se esgotando os recursos de Trump para questionar o próprio fracasso e sobram apenas arrogância e ameaças vazias. Será pedagógico, para

desmascarar o objetivo central da ultra-direita hoje: “usar a democracia, para destruí-la”

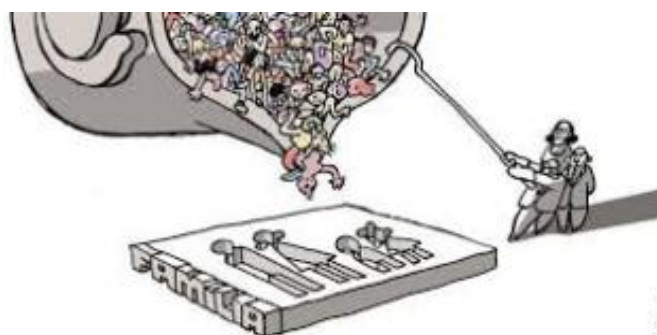
É impossível prever o que vai acontecer nos EUA nas próximas semanas. Várias perguntas cruciais ficam por agora sem resposta. Houve ou não fraude eleitoral?

Se houve, foi suficiente para inverter os resultados? Será a transição de Trump para Biden, de Trump para Trump? Ou de Trump para um acordo de compromisso no Congresso em que, tal como aconteceu em 1876, o candidato que ganhou as eleições assume a presidência na condição de aceitar o compromisso extra-eleitoral? Haverá violência nas ruas qualquer que seja a solução, uma vez que qualquer delas marginaliza uma parte importante e polarizada da sociedade?

Boaventura de Sousa Santos

**Página 6**

## Educação, grande alvo da extrema-direita



Dos EUA à Índia, do Brasil a Portugal, escolas e universidades são alvo de um duplo ataque: tentativa de restringir o debate de ideias e cortes de verbas. Como se articula projeto conservador no Ensino. Por que é preciso combatê-lo.

Os movimentos translocais de ideias, de filosofias, de visões do mundo, de doutrinas sobre a vida e sobre a política e a sociedade são tão antigos quanto a difusão do uso dos metais, das trocas comerciais, da escrita e das primeiras civilizações urbanas a partir da Idade de Bronze 3000 ou 4000 AEC.

Boaventura de Sousa Santos

**Página 11**

**EDITORIAL**

Caros leitores, amigos e colaboradores

Certa vez uma mãe levou seu filho até Gandhi e lhe pediu:

- Por favor mestre, fale para meu filho parara de comer doces, ele o respeita e de certo o ouvirá. Gandhi então lhe pediu que trouxesse seu filho na próxima semana e, assim, na semana seguinte ela o levou até ele. Logo que chegou, Gandhi lhe disse:

- Esta semana ainda não, volte na próxima semana.

Então, novamente na semana seguinte, lá estavam Mãe e Filho e, desta vez, o menino ouviu:

- Seria interessante se você pensasse em diminuir a quantidade de doces que come.

O garoto, de acordo, respondeu:

- O Senhor tem razão. Vou pensar no que me diz e diminuirei os doces que como.

No entanto, a mulher intrigada perguntou a Gandhi:

- Por que o Senhor não lhe disse isso logo na primeira vez que viemos aqui?

**E Gandhi lhe disse:**

- Eu sempre adorei doces, não achei justo pedir ao menino algo que um homem como eu não consegue fazer. Na primeira semana, eu não consegui e, assim, não me senti preparado para conversar com seu filho. Somente quando consegui controlar a quantidade dos doces que comia é que me senti forte para falar com ele.

Caros leitores, o líder sabe que tem de ter coerência entre suas palavras e suas ações. sabe que a força de seu caráter vai se espalhar por todos os da equipe. Ele aceita a responsabilidade de ser exigido por sua equipe e, assim, procura evoluir sempre, afim de estar à altura de todos e, receber o respeito que deve merecer.

Claro, caros leitores, que ninguém é perfeito. Cada um de nós tem as suas limitações. As pessoas vão saber aceitá-las se nos dispusermos a ser humildes de aceitá-las também.

Não precisamos saber tudo, mas devemos estar dispostos a aprender se realmente quisermos o respeito dos outros.

Lembre-mos também que todos nós podemos realizar nossos sonhos, desde que ajudemos também a maior parte das pessoas a realizar os delas.

Sabe aquela parábola da boa sementeira?

Está chegando o natal e espero realmente que a vossa colheita durante todo o ano de 2020 tenha sido proveitosa, para vós e para os seus e, que neste novo ano que se aproxima novas e profícuas sementeiras sejam plantadas.

Um maravilhoso Natal a todos os leitores (as) colaboradores (as) bem como um Feliz e Próspero Ano Novo.

Em 2021 se O pai nos der essa chance, estaremos por aqui de novo cumprindo a nossa missão.

**Abraço-vos!**

**Adaptação de Filipe de Sousa**

**05 - Dia Mundial do Solo**

A criação desta data visa fazer todas as pessoas refletirem sobre o modo como tratam a terra, além de lembrar quais os diversos benefícios do solo para a vida.

O solo é essencial para proporcionar a alimentação humana; conservar a biodiversidade; reduzir o impacto das mudanças climáticas; criar agroenergia; sustentar construções; proteger águas subterrâneas e superficiais; entre outras funções.

No Brasil, o solo ainda é alvo de debate em outras datas: Dia Nacional da Conservação do Solo (15 de abril) e Dia Internacional da Mãe Terra (22 de abril).

Origem do Dia Mundial do Solo

Esta data foi criada pela Sociedade Internacional de Ciência do Solo (IUSS), durante o XXVII Congresso Mundial de Ciência do Solo, em Bangkok, na Tailândia, em 2002.

Na ocasião, a escolha do dia 5 de dezembro como data para esta celebração é uma homenagem ao Rei da Tailândia, Bhumibol Adulyadej, conhecido pelo seu trabalho de preservação do solo e de apoio às questões ambientais.

Para oficializar a data, a Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de dezembro de 2013, aprovou através da Resolução nº 68/232 o dia 5 de dezembro como Dia Mundial do Solo.

Esta data é incentivada anualmente por diversos órgãos de proteção ambiental, com destaque para a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

**MINEIRO BRINCANDO DE ANTÔNIMO**

- Ô, Zé! Vâmu brincá di antônimo?  
- O que c'ocê falô???  
- Brincá di antônimo, sô! Qué dizê, uma coisa contráia da ôtra!  
Purixemplu: arto e baxo, forte e fraco....

- Ah, intindi! Intão, vâmu brincá! O que vai valê?  
- Uma cerveja... Eu cumeço, tá?  
Começaram a brincadeira:  
- Gordo?  
- Magro!  
- Hômi?  
- Muié!  
- Preto?  
- Branco!  
- Verde?  
- Verde? Nada disso! Verde é cor, num tem antônimo, não!  
- Craro que tem!  
- Intão ixprica, sô!  
- Maduro, ué....  
- Ai, meo santin! Pirdi a aposta!  
Vâmu di novo, valendu ôtra cerveja?  
Mais dessa veiz ieu cuméçu!  
- Pódi cumeçá!  
- Saúde?  
- Duença!  
- Moiádo?  
- Seco!  
- Agora ocê vai si lasca.  
Qué vê só?  
- Fumo?  
- Não, não sinhô !!!  
- Peraí, peraí... fumo num tem antônimo!!!  
- Craro qui tem, uai!  
- Intão, diz aí, qual é o antônimo de fumo?  
- Vortemo!

**Colaboraram nesta edição****Colaboradores Fixos:**

Mariene Hildebrando  
Filipe de Sousa  
Genha Auga  
Loryel Rocha

**Colaboradores eventuais:**

Monkey e Elf  
Cristine Gorski Severo  
Boaventura de Sousa Santos  
Caique de Oliveira Sobreira Cruz  
Marcos Pedlowski  
Rodrigo Chagas  
Marcos Coimbra  
André Lemos  
Juçara Mapurunga  
Leonardo Danziato  
Mailson Furtado

**Fontes:**

Callendar  
DW

**ANUNCIE AQUI**

**IMPORTANTE**

Todas as matérias, reportagens, fotos e demais conteúdos são de inteira responsabilidade dos colaboradores que assinam as matérias, podendo seus conteúdos não corresponderem à opinião deste Jornal.

**A Gazeta Valeparaibana é um jornal mensal gratuito distribuído mensalmente em PDF para leitura e download**

**Diretor, Editor e Jornalista responsável**  
Filipe de Sousa - FENAI 1142/09-J

## CRÔNICA DO MÊS

Um dos problemas que enfrentamos há séculos e que ainda vem causando cada vez mais a exclusão, desigualdade social, violência, denominadas discriminação ou preconceito afetando, direta ou indiretamente, indivíduos e grupos sociais pela etnia ou cor, é o racismo.

O que é racismo?

Uma forma de preconceito ou discriminação pela cor da pele ou origem étnica. Qualquer comportamento ligado à classificação por categoria racial, rótulos pertence ao racista, não importando se esse ato é intencionalmente prejudicial, depreciativo, pois, pelo senso comum a falta de conhecimento de quem a pratica coloca a identidade individual ou do grupo em condição de inferioridade.

- O racismo é uma forma de preconceito que se manifesta de diversas maneiras vitimando pessoas diariamente. Trata-se de um fenômeno categoricamente antinegro onde um indivíduo ou grupo manifesta-se de forma violenta, física ou verbalmente, contra pessoas ou coletivamente por conta da etnia bem como, nega acesso a serviços básicos e a frequentarem lugares pelos mesmos motivos - nesse caso, a lei 7716, de 1989, do Código Penal brasileiro prevê punições a quem praticar esse ato que é crime.

- O preconceito pode vir por outro viés, como gênero, lugar onde se mora, orientação sexual, vestimentas e diversos motivos, até mesmo pela questão racial.

Racismo Reverso:

Se uma pessoa branca sofrer uma agressão verbal relacionada à sua cor, não significa que isso é um racismo reverso porque o racismo é unicamente direcionado a pessoa negra, no caso, a pessoa branca sofreu um preconceito, uma ofensa.

- Racismo é crime histórico, surgiu pelo ódio à etnia negra que resultou em mortes de milhares de pessoas e ainda continua a matar diariamente em todo mundo.

Hábitos pejorativos fazem parte do nosso cotidiano e reforçam indiretamente a exclusão e o preconceito quando manifestado ao se usar expressões racistas, mesmo que por desconhecimento.

Isso acontece quando se faz piadas que associam negros a situações vexatórias, criminosas ou quando se desconfia da índole de alguém por sua cor de pele. Outra forma de racismo muito praticado, mesmo sem intenção ofensiva, é a adoção de eufemismos para se referir a negros, com as palavras “moreno” e “pessoa de cor”. Isso provoca desconforto social para a população negra mesmo que a intenção seja “suavizar” ou diminuir o peso desse estigma tão sofrido há tempos.

No Brasil, o racismo está associado à escravização de povos de origem africana e a tardia abolição que foi feita de maneira irresponsável, pois os mesmos não foram inseridos no mercado de trabalho resultando em um sistema de marginalização que sofrem até hoje e pela falta de escolaridade o problema racial alimentou a exclusão social ocasionando divergências nesse setor o que hoje, torna-se importante que os profissionais discutam e analisem essa questão com respaldo na lei. Dentro dos diferentes tipos de racismo como individual, cultural, ambiental e outros, no âmbito escolar, atualmente nos deparamos com a xenofobia e *bullying*, muito discutidos na atualidade.

Notoriamente os educadores praticam uma maneira de “camuflar” o preconceito com a seguinte frase: “respeite seu colega, ele é igual a você”, essa fala soa estranhamente quando na verdade, não são iguais fisicamente, cada um tem uma história deixada pelos seus descendentes e é de suma importância reconhecer que existem diferenças e que não somos todos iguais e nem as dificuldades são as mesmas, mas, os direitos sim e os valores de cada cultura, fenótipo e suas histórias devem ser respeitados perante a Lei, Deus e acima de tudo por cada Ser Humano que sobrevive neste planeta ou em qualquer país.

“A diferença do sucesso entre negros e brancos não está no tamanho da vitória, mas, no tamanho da luta”...

Basta pensar num navio cheio de brancos retirados à força de seu país e escravizados por negros ou, ao contrário, se os índios tivessem escravizados os brancos e se apropriassem de suas vidas.

Pode-se negar o racismo na geopolítica e dentro de cada um de nós e assim, com simplicidade, dizemos que não somos racistas ou pelo menos tentamos não ser.

Ou, seguimos calados...

**Genha Auga**

jornalista MTB: 15.320

## A Águia e a Galinha

Existe em todas as pessoas a dimensão galinha, que é a inserção no mundo concreto e suas limitações, e a dimensão águia, que são os sonhos e a vontade de crescer. Nesta obra, que agora faz parte do selo Vozes Nobilis, o autor busca animar os leitores a crescerem humanamente, a fim de saberem utilizar as energias presentes tanto na águia quanto na galinha. O que se espera é uma reflexão instigante e entusiasmo na busca da identidade pessoal

“Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Mas houve pessoas que nos fizeram pensar como galinhas. E nós ainda pensamos que somos efetivamente galinhas. Mas nós somos águias. Por isso, irmãos e irmãs, abram as asas e voem. Voem como as águias. Jamais se contentem com os grãos que lhes jogarem aos pés para ciscar.”

**Leonardo Boff**

DEZEMBRO 2020						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

### PRINCIPAIS DATAS COMEMORATIVAS

- 02 - Dia Nacional das Relações Públicas
- 02 - Dia Nacional do Samba
- 02 - Dia da Astronomia
- 02 - Dia Pan-americano da Saúde
- 02 - Dia Intern. para a Abolição da Escravatura
- 03 - Dia Intern. da Pessoa com Deficiência
- 05 - Dia Mundial do Solo
- 05 - Dia Internacional do Voluntário
- 05 - Dia do Médico de Família e Comunidade
- 07 - Dia Nacional da Assistência Social
- 08 - Dia da Família
- 09 - Dia Internacional contra a Corrupção
- 09 - Dia da Criança Especial
- 10 - Dia da Declaração Univ. Direitos Humanos
- 10 - Dia da Inclusão Social
- 11 - Dia Internacional das Montanhas
- 14 - Eclipse Solar Total
- 14 - Dia Nacional de Combate à Pobreza
- 15 - Dia Nacional da Economia Solidária
- 16 - Dia do Teatro Amador
- 18 - Dia Internacional dos Migrantes
- 20 - Dia Internacional da Solidariedade Humana
- 21 - Início do Verão - Solstício de Verão
- 24 - Véspera de Natal
- 25 - Natal
- 31 - Dia de São Silvestre

Veja todas as datas comemorativas do mês na nossa [BIBLIOTECA!](#)

Disponível no site

[www.gazetavaleparaibana.com](http://www.gazetavaleparaibana.com)

## Frases Soltas

Aprendi o silêncio com os faladores, a tolerância com os intolerantes, a bondade com os maldosos; e, por estranho que pareça, sou grato a esses professores.

**Khalil Gibran**

Fazer aniversário é olhar para trás com gratidão e para frente com fé!

**Rosaura Gomes**

Agradeço ao meu Deus e Pai por todas as coisas boas que vivi, por que sei que o bem apenas dele é que veio. O que vivi de ruim em minha vida, foi por ignorância, estupidez e escolha minha. Mas minha felicidade eu só devo ao Pai!

**Augusto Branco**

A gratidão é um fruto de grande cultura; não se encontra entre gente vulgar.

**Samuel Johnson**

A gratidão de quem recebe um benefício é bem menor que o prazer daquele de quem o faz.

**Machado de Assis**

a ingratidão para encontrar um homem grato. É menor pecado elogiar um mau livro sem o ler, do que depois de o ter lido. Por isso, agradeço imediatamente depois de receber o volume. Não há vida literária plenamente virtuosa.

**Carlos Drummond de Andrade**

## A NOVA ORDEM MUNDIAL E A PLANDEMIA DE CORONAVÍRUS.

Revelado o grande plano de redefinição: Como COVID inaugura a nova ordem mundial

Em outubro de 2019, um grupo de 15 empresários, funcionários do governo e médicos se reuniram em Nova York para planejar a resposta global a um surto mundial de um coronavírus nunca antes visto e completamente fictício.

Foi um exercício de treinamento com semelhanças assustadoras, em retrospectiva, com o 2019-nCoV.

Três horas e meia depois, o grupo completou o exercício de simulação e, apesar de seus esforços, eles foram incapazes de evitar que o hipotético coronavírus matasse 65 milhões de pessoas.

O coronavírus fictício no centro da simulação do Event 201, uma colaboração entre o Johns Hopkins Center for Health Security, o Fórum Econômico Mundial e a Fundação Bill e Melinda Gates, foi chamado de CAPS, e começou com porcos no Brasil antes de se espalhar pelo mundo.

Muitos dos que participaram no Event 201 disseram que a "Big Tech" já não é uma plataforma, mas sim uma estação e deve intervir para combater as notícias falsas. Outro presente tipicamente demoniza as teorias da conspiração.

O plano era censurar todas as informações da Internet, usando a desculpa de "notícias falsas", alegando que a divulgação de informações falsas durante uma emergência é um problema maior do que o normal e deve ser interrompida.

### A Agenda Sem Dinheiro

A agenda sem dinheiro faz parte do esquema da Nova Ordem Mundial que acompanha o transumanismo, ou seja, a digitalização de tudo na sociedade, incluindo dinheiro, informação e a própria vida.

Ao implementar a medida, uma sociedade sem dinheiro será capaz de controlar, rastrear todas as transações econômicas, permitindo que as autoridades construam uma imagem ainda mais completa de quem você é para impedir qualquer possível desobediência ou revolução antes que aconteça.

Também aumenta a receita do governo por meio de impostos.

Por exemplo, a China aproveitou a oportunidade para cumprir a agenda sem dinheiro ao afirmar que o papel-moeda deve agora ser retirado de circulação devido à possibilidade de conter traços de COVID-19 e, assim, contribuir para a disseminação do coronavírus.

Dr. Sebi: Uma sociedade que mantém curas em segredo para que possam continuar a vender medicamentos com enormes lucros não é uma sociedade real, mas um grande asilo mental.

### Quarentenas e lei marcial

Os governos apreciam os cenários da lei marcial, porque os direitos humanos estão suspensos.

A China autoritária tem sido elogiada por muitos globalistas, como o falecido David Rockefeller ou a OMS, como um modelo para a Nova Ordem Mundial.

Algumas das fotos e vídeos que conseguem escapar da censura chinesa mostram o estado policial.

A Itália decretou estado de emergência e colocou suas tropas nas ruas, e a Espanha planeja declarar estado de alarme.

### Vacinação Obrigatória

A plandemia de coronavírus forneceu uma boa desculpa para os governos de todo o mundo apresentarem uma de suas agendas favoritas da Nova Ordem Mundial: a vacinação obrigatória.

A razão pela qual essa agenda é particularmente popular é que ela permite que as autoridades acessem o corpo humano, e não apenas o corpo do cidadão, mas também a corrente sanguínea.

Para falar a verdade, não temos ideia do que há naquela agulha quando ela é injetada, então todos os tipos de elementos podem ser implantados em nossos corpos.

Coincidentemente (ou não), a China aprovou uma lei em 29 de junho de 2019, que implementou um programa nacional de vacinação obrigatória.

Coincidentemente (ou não), a lei entrou em vigor em 1º de dezembro de 2019, poucas semanas antes de a epidemia de coronavírus virar notícia mundial.

Não quer dizer que a vacinação obrigatória também pode incluir vacinas de DNA e microchips.

Bill Gates ID2020: Identificação digital por microchip

Bill Gates, o viveiro da Nova Ordem Mundial, tem conduzido organismos geneticamente modificados e vacinas há anos.

O cofundador da Microsoft fez parte do Event 201, que simulou a pandemia de coronavírus antes de acontecer.

Mas Gates também tem promovido outro projeto polêmico: o ID 2020. Esta é a agenda do microchip humano.

Ela se vende como "uma forma confiável" de cumprir um "direito humano fundamental e universal": salvaguardar a sua identidade tanto na Internet quanto no mundo físico.

Por outro lado, temos o projeto Nightingale do Google, que terá acesso a prontuários, nomes e endereços sem precisar consultar pacientes.

Agenda 2030: Wuhan, uma das cidades inteligentes da China

Uma agenda envolvida na pandemia do coronavírus é a "Agenda 2030" da ONU, que envolve "Cidades Inteligentes".

Antes da pandemia, a China já havia planejado qual de suas cidades seria programada para se tornar o piloto de "Cidades Inteligentes".

Wuhan foi um deles (o que faz sentido por que também foi o local do lançamento 5G da China).

### Conclusão

Curiosamente, a cerimônia de abertura dos Jogos Mundiais Militares de 2019 em Wuhan declarou um "Novo Mundo", fazendo referência à Nova Ordem Mundial e também sinalizando a transformação da sociedade, mais uma pista de que todo esse evento foi preparado.

Qualquer que seja a verdade sobre a origem do vírus em si, quem o criou, como foi liberado e se é realmente tão perigoso, todo o fenômeno da pandemia do coronavírus está sem dúvida sendo usado para acelerar várias agendas da Nova Ordem Mundial.

A notícia é importante para todas as pessoas porque é onde conhecemos coisas novas sobre o mundo, o que leva ao desenvolvimento de mais objetivos de vida que conduzem à sabedoria de vida. A notícia também serve como ferramenta de conexão social, pois tendemos a nos relacionar com quem conhece e acredita nas coisas que fazemos. Com o poder de uma mente aberta que busca a verdade em mãos, o indivíduo pode se tornar sábio e o coletivo pode prosperar.

Autores: **Monkey e Elf**

## Língua portuguesa: Para falar português corretamente é necessário saber conjugar verbos.

### Verbos

Um dos requisitos mais importantes para falar um bom português é saber conjugar verbos de forma correta, mas aqueles mais difíceis. A Língua Portuguesa pode ser mesmo muito traiçoeira e os verbos são uma das suas partes mais complicadas de usar e perceber.

Existem vários verbos difíceis de conjugar em português, quer por serem irregulares, quer por serem pouco utilizados, quer por apresentarem uma sonoridade considerada estranha.

É importante conhecer esses verbos e entender que existem algumas regras que facilitam a sua conjugação. Estes são alguns dos verbos mais difíceis de conjugar da Língua Portuguesa.

### 9. Conter

Quando eu me contiver é porque já não tenho interesse no assunto.

Você quer que eu me contenha?

Eu já me contive, não se preocupe!

O verbo conter é um verbo irregular, derivado do verbo ter. É conjugado assim conforme o verbo ter, tal como outros verbos derivados de ter, como conter, deter, reter,... Estabelecer esse paralelismo é a forma mais fácil de não errar na conjugação desses verbos.

Eu tive

Eu contive

Eu detive

Eu retive

Que eu tenha

Que eu contenha

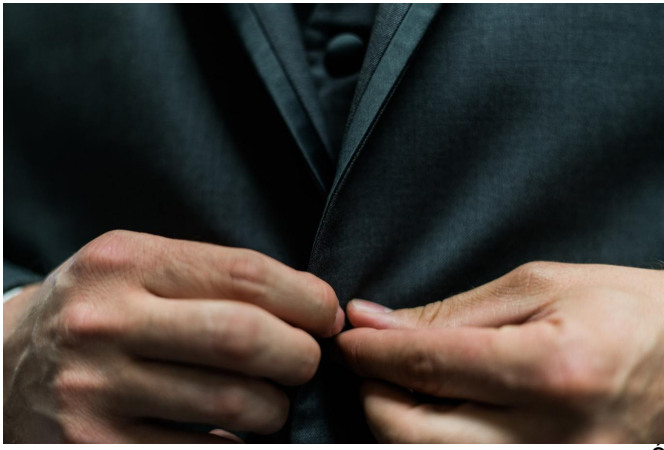
Que eu detenha

Que eu retenha

Quanto eu tiver

Quando eu contiver

## Nestor, o advogado do diabo



— Maldição, logo será meia-noite, é chegada a hora de me preparar para os meus debates infundáveis com o meu inimigo, até mesmo pelo fato de que este horário de meia não tem nada, é inteira com tudo incluso, sem direito a carteirainha de estudante, a demora é sacrossanta nestes casos, por isso, não pode ser metade em nenhum requisito, apesar da singela contradição de, também, como dizem alhures, ser a noite uma criança. Bom, de toda sorte, devo me arrumar corretamente para poder receber Nestor, que já pode estar a caminho neste momento. Ele analisa até as minhas vestes, não posso vacilar nos meandros primários, ou não chegaremos nas questões últimas decisivas. Ele sabe papear e tapear melhor do que ninguém, então, que venha! — Exclamou José, sozinho em seu quarto.

José vestiu-se como se estivesse indo para uma sala de audiência em algum tribunal, com terno, gravata, camisa social, calça social, tudo combinando, como havia devidamente se aconselhado com algum desses grandes nomes da moda do passado, apesar de que, estava de meia, havia deixado seu par de sapatos social dentro do guarda-roupa, talvez, o rigor do traje formal não o tenha permeado em todas as circunstâncias. Mas, de fato, nada mais naquela noite o podia diferenciar de um burocrata da área jurídica que, com suas vestimentas, acredita estar acima dos outros indivíduos de sua sociedade, como uma espécie tragicômica de micropoder. Com toda a pompa, só lhe faltava a toga para que eu pudessem encerrar a narração do enredo com total agrura. Passou-se um bom tempo até que, ao decair do crepúsculo, próximo à média madrugada, José ouviu passos suaves como de alguém descalço, atento, percebeu, adiante, batidas singelas em sua porta.

— Boa noite, senhor, posso entrar? Desculpe-me o atraso, é que nesta noite você demorou a me dar a oportunidade de aparecer neste recinto que eu estimo com louvor, considero quase como minha casa, e sabes disso. — Pronunciou Nestor em voz tão suave e baixa que somente José pôde ouvir naquela casa, mesmo tendo mais 4 moradores nela.

— Deixe de tolice e entre de uma vez, seu escroque! Você sempre adentra, como diriam os portugueses, neste “sítio”, sem nenhuma permissão. Nós sabemos muito bem que se eu disser não, você vai abrir esta porta da mesma forma, não me faça perder o resto de paciência que ainda tenho contigo, pois, no dia de ontem, passei por uma situação muito incômoda e não tenho tempo para esses introitos, vamos logo,

chegue mais perto e vamos discutir, pôr em dia o que temos de colocar. — Bradou José.

— Meu caro Zé, compreendes muito bem como funciona o meu procedimento, eu começo do particular para, somente depois, chegar ao universal. Por partes, constituindo as interligações entre os pedaços até formar o todo coerente. Portanto, vamos com calma. Devagar com a doçura, meu amigo. Não venha com este andor, pois não vou com o barro!

— Se você fosse mesmo por partes, não me trataria já de início com tamanha intimidade, quem és tu para me denominar de Zé? Dei-lhe permissão para apelidar-me? Não! Mas, ainda assim, o faz, então, não venha querer bancar o filósofo pra cima de mim, com isto de particular e universal, a palhaçada aqui acabou! Vamos direto ao assunto!

— Tudo bem, José, como queiras. Trataremos logo das questões centrais. E eu, como bom e experiente conselheiro que sou, irei mais uma vez lhe guiar pelo caminho mais coerente em termos racionais, para que não cometa mais nenhuma infâmia por aí. Vejo que está trajado devidamente para essa nossa entrevista, aprendeu muito bem com o seu mestre, sinto-me orgulhoso, apesar de ainda me tratar com linguajar vulgar, rebaixado e denunciante, como se eu fosse um inimigo na tocaia, pronto para liquidá-lo. Neste aspecto, precisamos rever este modus operandi, excelência. — Comentou Nestor.

— Pois é, seu sacripanta! Notou muito bem que estou vestido conforme você sempre exigiu, também treinei todo o linguajar que gosta que assovie em teus ouvidos, porém, dado à sua embromação costumeira, e à minha situação desastrosa atual, perdi a compostura antes das corujas sequer emergirem para nós. Mas, deixemos isto de lado e o senhor já pode, com toda a sua galhardia, iniciar o inquérito por intermédio do seu douto juízo. — Afirmou José, sem ainda controlar a sua inquietação.

— Pois bem, sua postura cumprindo meus rituais em relação aos trajes me deixou venturoso e, somente por isto, descartarei sua condição de não versar com o vocabulário que eu admiro. Vamos começar, portanto, a nossa “audiência” particular, diga-me, José, você já se convenceu de que sua opinião no caso de sua prima começar a trabalhar, mesmo na pandemia, é correto da parte dela, pois o trabalho dignifica o homem?

— Não, não estou absolutamente convencido disso! Ainda acredito ter sido uma postura muito arriscada, mas não quero tratar disso hoje! — Exclamou José.

— Bom, se ainda não está convencido do seu erro analítico, mesmo depois de tantas brigas no seu seio familiar por causa desta questão, então, devemos discutir sim sobre ela, pois está em aberta. Aproveitando a sua teimosia, pergunto-lhe logo sobre mais um tema sem desfecho, você aceitou a ideia de que informar a morte de seu avô aos seus pais, mesmo neste momento tão difícil para a humanidade, foi o correto? Pois devemos agir sempre com a verdade, nunca esconder nada, a mentira é a vilã de nossa história.

— Nestor, já lhe avisei, poupe-me do prefácio, vamos logo ao conteúdo do livro, ou melhor, seguiremos logo ao posfácio. Você sabe que já discutimos essas e mais dezenas de outras questões por diversas noites e não vou mudar minha posição, nem sempre a verdade é o certo, eu uso a justa medida Aristotélica, às vezes uma mentira é mais necessária e conveniente do que a verdade imediata, como é neste caso em que me perguntas, não podemos viver sob a égide de uma rígida régua inflexível. E eu também já sei suas opiniões quanto a tudo isso, sempre fazendo o papel do advogado do diabo contra mim. O que eu quero discutir agora é um fato novo. — José disse, fitando com veemência os olhos de Nestor — Lá no meu trabalho, eu passei um pouco do horário de retorno às atividades após o almoço e o meu supervisor me deu uma bronca esdrúxula por causa de 5 minutos de atraso, xingou-me de tudo que é possível ao nosso vocabulário, eu o respondi à altura e ele me disse para passar amanhã no RH que eu seria demitido. Mas, levei a questão ao gerente e ele disse que eu errei e se me desculpasse com o supervisor estaria tudo resolvido. Espie, o mesmo gerente todos os dias atrasa mais de 1h na volta do almoço e o mesmo supervisor atrasa por 30 minutos. Ele quem errou em querer me demitir por algo que todos lá fazem e eu o fiz pela primeira vez, em quase uma década, ontem. Ele que me deve desculpas, não o contrário. Diga-me o que acha?

— Bom, Zé, você está errado novamente. Primeiro que infringiu uma regra da sua empresa sobre o horário de almoço, segundo que desatou um superior hierárquico seu. O gerente está certo, cumpra o que ele disse e ponto final, mantenha o seu emprego. Ainda lhe ponho em contradição, você sempre diz que os funcionários inferiores sempre estão cumprindo ordens dos funcionários superiores, portanto, se você deveria retrucar e xingar alguém não seria o supervisor, nem mesmo o gerente, mas sim, o dono da empresa.

— Ah, vá para o averno, aquele de Dante, seu miserável, junto com Neleu, Aquiles e Agamenão, sua trupe. Junte-se à “besta”, pois seus propósitos se assemelham. Você, todas as vezes, está contra mim, aponta o erro em minha direção, sempre jogando a culpa em meu colo, não aguento mais! E é verdade que estou em contradição, eu bem sei que o sistema hierárquico é corrompido por natureza, mas, não posso nada contra o dono, nunca nem o vi, ele é inalcançável, minha única batalha possível é contra aqueles que estão próximos, como o supervisor que comete o mesmo “erro” que o meu e ainda tem a audácia de me insultar. Quando eu acordar, irei lá e não pedirei nenhuma desculpa, se- rei demitido, mas com honra. Vou viajar para longe e procurar alguma empresa séria para trabalhar, e ainda escaparei de todos os problemas e brigas que você tentou reaver neste diálogo, sumirei! E quanto a você, Nestor, prepare-se, pois logo seus “conselhos” não serão mais possíveis, eu pararei de tomar meus remédios psicoativos que me causam como efeito adverso esses pesadelos contínuos onde tu apareces. Vossa Senhoria submergir!

**Caique de Oliveira Sobreira Cruz**

## Fascismo 2.0 em oito lições



Aos poucos, vão se esgotando os recursos de Trump para questionar o próprio fracasso e sobram apenas arrogância

e ameaças vazias. Será pedagógico, para desmascarar o objetivo central da ultra-direita hoje: “usar a democracia, para destruí-la”

É impossível prever o que vai acontecer nos EUA nas próximas semanas. Várias perguntas cruciais ficam por agora sem resposta. Houve ou não fraude eleitoral? Se houve, foi suficiente para inverter os resultados? Será a transição de Trump para Biden, de Trump para Trump? Ou de Trump para um acordo de compromisso no Congresso em que, tal como aconteceu em 1876, o candidato que ganhou as eleições assume a presidência na condição de aceitar o compromisso extra-eleitoral? Haverá violência nas ruas qualquer que seja a solução, uma vez que qualquer delas marginaliza uma parte importante e polarizada da sociedade? Por enquanto, tudo isto são incógnitas. Mas há algumas certas, e essas são bem sombrias para o futuro da democracia. Concentro-me numa. Refiro-me ao curso intensivo de fascismo 2.0 que Donald Trump tem ministrado, ao longo destes quatro anos, aos aspirantes a ditadores, a líderes autoritários e fascistas. O curso teve o seu momento mais alto na aula magistral que Trump começou a dar, a partir da Casa Branca, às 2.30 da madrugada (hora de Washington DC) do dia 4 de Novembro. O tema geral do curso é “como usar a democracia para destruí-la”. Desdobra-se em vários sub-temas. Neste texto refiro brevemente os principais. As três primeiras lições dizem respeito às eleições e as restantes, à política e à governação. O objetivo geral do curso é inculcar a ideia de que a democracia só serve para chegar ao poder. Uma vez no poder, nem a governação nem a rotação democrática é aceitável.

**1.** Não reconhecer resultados eleitorais desfavoráveis. O tema da aula do dia 4 foi como recusar os resultados eleitorais quando não nos convêm, como criar confusão na mente dos cidadãos, inventando suspeitas de fraude que, independentemente dos fatos (que até podem existir), têm de ser formuladas da maneira mais extrema e mirabolante para produzirem efeito. Já na campanha eleitoral de 2016 Trump tinha abordado o tema e a lição tinha sido seguida pelos seus alunos mais diletos (que ele considera amigos pessoais), Rodrigo Duterte das Filipinas e Jair Bolsonaro do Brasil. Este último disse em setembro de 2018: “não aceito resultado diferente da minha eleição”. Mas muitos outros alunos estiveram muito atentos naquela madrugada. Entre outros, Recep Tayyip Erdoğan, na Turquia e, no Egipto, Abdel Fattah al-Sisi, que Trump considera “o meu ditador favorito” e ainda Narendra Modi, na Índia. Outro aluno atento foi Yoweri Museveni, o presidente do Uganda que está no poder desde 1986 e pretende candidatar-se de novo no próximo ano. Na Europa, a turma foi numerosa e incluiu Viktor Orbán, Matteo Salvini, Marine Le Pen, Santiago Abascal e André Ventura.

**2.** Transformar maiorias em minorias. Sempre que as maiorias eleitorais não favoreçam a cau-

sa fascizante é urgente convertê-las em minorias sociológicas. Por esta via as eleições perdem legitimidade e a democracia transforma-se numa manobra dos grandes interesses económicos e mediáticos. O aluno português, André Ventura, aprendeu esta lição mais rapidamente do que qualquer outro. Em declarações ao Expresso (7/11) disse sobre a vitória de Biden: “Temo, no entanto, que tenha vencido a voz das minorias que preferem viver à custa do trabalho dos outros”.

**3.** Critérios duplos. Nada do que é desfavorável à causa pode ser avaliado pelos mesmos critérios aplicáveis ao que é desfavorável. Por exemplo, se se souber com grande probabilidade que a grande maioria dos votos por correio são a favor da causa fascizante, devem esses votos ser considerados não só legais como especialmente recomendáveis em tempo de pandemia. Caso contrário, deve insistir-se que são um instrumento de fraude e que retiram aos eleitores o momento único de proximidade física e social à democracia. A prova de fraude não interessa, desde que a suspeita seja lançada de imediato e com invenção de estratégias fraudulentas imaginárias.

**4.** Nunca falar ou governar para o país e sempre e apenas para a base social. Esta lição é crucial porque é a que mais diretamente contribui para minar a legitimidade da democracia. Se a lógica é promover uma corrente de opinião antissistema, não faz sentido governar para aqueles que, mesmo tendo queixas, ainda não desistiram de as ver atendidas pelo sistema democrático. O ideal é que a base social seja da ordem dos 30% pelo menos, e cultivar a sua fidelidade sem ambiguidade e ao longo do tempo, tanto na oposição como no governo. O contacto com essa base tem de ser direto e permanente. Ela manter-se-á unida e organizada, na medida em que deixar de confiar em qualquer outra fonte de informação. A partir daí, deixam de ser relevantes quaisquer fatos que desmintam o líder. Ao longo de quatro anos, Trump foi capaz de manter a sua base, tal como Orbán na Hungria e Modi na Índia. O mesmo se pode vir a dizer de Bolsonaro.

A auto-estima da base social é o único serviço político sério. Slogans que invocam auto-estima e grandeza devem ser reciclados. “Make America Great Again” foi usado antes por Ronald Reagan. E podem ser reciclados slogans das ditaduras, até porque estas foram com o tempo sendo legitimadas. A reciclagem pode ser integral (“Brasil: ame-o ou deixe-o”) ou modificada (em vez de “Angola é nossa”, “Portugal é nosso”).

**5.** A realidade não existe. O líder mostra o controle dos fatos sobretudo (1) quando faz parar a realidade supostamente adversa, ou (2) quando, não podendo pará-la, lhe retira toda a sua dramaticidade. Trump mostrou o caminho: pára-se a pandemia se deixar falar dela e, para deixar de ser grave, basta parar a testagem intensiva. Ter medo da pandemia é sinal de fraqueza. Trump quis sair do hospital com a T-shirt do Superman; segundo Bolsonaro, ter medo da pandemia é coisa “de maricas”. Por sua vez, desvaloriza-se a pandemia comparando-a com as pandemias que o sistema criou (desemprego, perda de soberania, falta de acesso aos serviços de saúde, etc.) ou, em versão tropical, apelando para a fatalidade da morte (Bolsonaro: “um dia todos vamos morrer”).

Como para o fascismo a mentira é tão verdadei-

ra quanto a verdade, quanto mais dramático for o contraste da invenção com a realidade tanto melhor. Exemplos de verdades “irrelevantes”: a administração Trump aumentou em vez de diminuir as desigualdades sociais; durante a pandemia a riqueza dos bilionários aumentou em 637 biliões; nos últimos meses, 40 milhões de norte-americanos perderam o emprego; 250.000 morreram com a Covid-19, a mais elevada taxa de mortalidade do mundo; a fome nas famílias triplicou desde o ano passado e o aumento das crianças subnutridas foi de 14%; a moratória nos despejos foi levantada e milhões podem ser lançados na rua. Tudo o que não se pode negar é natural ou humanamente incontrolável. O altíssimo número de mortos no Brasil é obra do destino e o mesmo se diga dos incêndios na Amazônia, já que, por definição, os fogos são incontroláveis e ninguém é responsável por eles.

**6.** O ressentimento é o recurso político mais precioso. Governar contra o sistema é impossível, até porque é parte dele que financia o fascismo 2.0. É por isso crucial ocultar as verdadeiras razões do descontentamento social e fazer crer às vítimas do sistema que os verdadeiros agressores são outras vítimas. A base organizada quer ideias simples e jogos de soma-zero, isto é, equações intuitivas entre quem ganha e quem perde. Por exemplo, o aumento do desemprego é causado pela entrada de imigrantes, mesmo que esta seja mínima e realmente irrelevante; o operário branco empobrecido deve ser levado a crer que o seu agressor é o operário negro ou latino ainda mais empobrecido que ele; a crise da educação e dos valores é causada pela astúcia dos coitadinhos que, graças aos “empresários dos direitos humanos”, têm direitos a mais, sejam eles mulheres, homossexuais, ciganos, negros, indígenas. Não faltam bodes expiatórios; é só preciso saber escolhê-los. Esta é a habilidade máxima do líder fascista.

A política do ressentimento exige, além de bodes expiatórios, teorias da conspiração, demonização dos opositores, ataque sistemático às mídias, à ciência e a todo o conhecimento que invoque especial perícia, incitamento à violência e ao ódio para eliminar argumentos, autoglorificação do líder como único defensor fiável das vítimas.

**7.** A política tradicional é a melhor aliada sem saber. Desde o momento em que desapareceu da cena política a alternativa socialista, a política perdeu credibilidade como exercício de convicções. Esse momento coincidiu com o reforço do neoliberalismo enquanto nova versão do capitalismo. Esta versão, uma das mais anti-sociais da história do capitalismo, conduziu à destruição ou erosão das políticas de proteção social e das classes médias onde elas existiam, à crescente concentração da riqueza e à aceleração da crise ecológica. Os valores liberais da Revolução Francesa (liberdade, igualdade, fraternidade) foram perdendo sentido para a grande maioria da população, que se considera abandonada, marginalizada, qualquer que seja o partido no poder. Com o descrédito dos valores liberais, perderam sentido as ideologias democráticas que lhes estavam associadas, tais como, convivência pacífica, respeito pelos adversários políticos, moderação e contraditório na argumentação, rotação do poder, acomodação e negociação. da polarização.

**CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE**

## O racismo integra a formação e desenvolvimento do Capitalismo a la brasileira, negar a sua existência também



O assassinato de João Alberto Silveira Freitas por seguranças da rede Carrefour em Porto Alegre deixa mais uma vez nu o racismo estrutural que permeia as relações capitalistas no Brasil

Como muitos leitores já devem saber, morei alguns anos nos EUA e em regiões de estados onde as relações raciais são ainda muito tensas (i.e., Tennessee e Virginia). Em minha convivência com colegas de universidades e instituições de pesquisa, um dos momentos de constrangimento certo era aquele em que eu recusava o cumprimento pelo fato do Brasil ser uma suposta democracia racial, terra do samba e do futebol. Para surpresa dos meus interlocutores que me dirigiam o cumprimento por ser brasileiro, eu retrucava dizendo que éramos tão ou mais racistas que os EUA. O meu exemplo da existência do elevador de serviço para onde deveriam se dirigir os trabalhadores domésticos ou prestadores de serviço como uma prova do racismo brasileiro deixava sempre as pessoas atônitas, pois esse tipo de elevador não existe por lá.

Aliás, falando no elevador de serviço (uma forma escondida de segregação), os incorporadores imobiliários portugueses tiveram que após mais de quatro décadas começar a reincluir este tipo de aparato nas plantas dos novos prédios, especialmente em Lisboa, após a enxurrada de brasileiros de classes abastadas chegarem por lá para comprar imóveis após o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff em 2016.

Esse preâmbulo todo é para dizer que não há como deixar de reconhecer que a escravidão (primeiro indígena e depois negra) foi a base da criação do Brasil como país, e que o nosso modelo peculiar de desenvolvimento capitalista esteve sempre ligado ao uso do trabalho escravo. A forma pela qual transitamos da escravidão legal também teve vários traços singulares desse capitalismo escravocrata, a começar pela promulgação da Lei de Terras em 1850, a qual objetivamente impediu que indígenas e negros pudessem ter o direito a possuir títulos de terras, na medida em que essa lei determinou que só poderia ter título de terra quem pudesse pagar por ele. E naquele momento exato da história do Capitalismo brasileiro, isso serviu como uma senha para impedir que membros dos povos originários e os negros escravizados pudessem ter a propriedade da terra.

Desde a independência do Brasil, o desenvolvimento do Capitalismo “a la brasileira” nunca teve como prioridade superar as injustiças e desigualdades causadas por mais de 300 anos de escravidão. Ainda que formalmente uma série de leis tenham sido criadas para alcançar mais equidade social (ou, na prática, uma menor iniquidade), avançamos muito pouco na reparação da herança do escravismo e, por isso, o Brasil continua sendo um dos países mais desiguais e segregados do planeta.

Ser indígena ou negro no Brasil nunca foi fácil, pois o Estado brasileiro sempre dedicou aos que não tem pele branca o uso da mão pesada para conter demandas e manter a insatisfação prisioneira em territórios guetizados, fossem eles reservas indígenas ou favelas.

O estabelecimento do “Dia da Consciência Negra” pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011 é para mim mais um exemplo em que formal-

### CONTINUAÇÃO FASCISMO 2.0 EM 8 LIÇÕES

8. Polarizar, polarizar sempre. O centrismo político morreu e só a radicalização compensa. Nas atuais circunstâncias, a polarização reforça sempre a direita e a extrema-direita. A polarização já não é entre esquerda e direita. É entre o sistema (deep state) e as maiorias deserdadas, entre o 1% e os 99%. Esta polarização foi tentada em anos recentes pela esquerda institucional e extra-institucional, mas qualquer delas acabou por se submeter servilmente às instituições. Quando se revoltou, foi neutralizada. Isso não pode acontecer ao fascismo 2.0 porque simplesmente este, longe de estar contra o 1%, é financiado por ele. A polarização contra o 1% é meramente retórica e visa disfarçar a verdadeira polarização, entre a de-

mente se avança para ficar no mesmo lugar. Ainda que seja correto lembrar e celebrar a contribuição dos negros na formação e no desenvolvimento do Brasil, o fato é que nem nesse dia os afrodescendentes podem usufruir de um dia de paz e tranquilidade. A prova maior disso foi o brutal assassinato a sangue frio de João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, espancado e morto em uma unidade do supermercado Carrefour em Porto Alegre, e que está causando tanta comoção nos últimos dois dias.

Mas o assassinato de João Alberto é apenas mais um e não será o último, essa é a verdade. A certeza disso vem das declarações do presidente Jair Bolsonaro e do seu vice-presidente Hamilton Mourão que não só negam a existência de algo inegável que é o racismo no Brasil, mas também se dão ao trabalho de culpabilizar os que se revoltaram e protestaram contra mais essa morte de um trabalhador negro. De forma objetiva, querendo ou não, Bolsonaro e Mourão explicitam de forma crua e direta a lógica racista que naturaliza as mortes e aponta o dedo acusador contra quem se revolta.

Aos meus orientandos que se interessam pelas questões sobre a existência do brasileiro negro em uma sociedade tão racista como a nossa, eu sempre recomendo a leitura da obra de Florestan Fernandes “A integração do negro na sociedade de classes”. É que com a leitura desse livro se pode compreender as raízes da persistente desigualdade e das agudeza do processo de exploração ao qual os negros brasileiros continuam sofrendo após a passagem da escravidão para o trabalho supostamente livre vigente em uma sociedade capitalista (o vídeo abaixo é bastante didático sobre o conteúdo dessa obra seminal de Florestan).

O fato é que não vejo como se alcançar qualquer nuance do que pode ser chamado de “democracia racial” enquanto perdurarem no Brasil as relações sociais, econômicas e políticas determinadas pela posição periférica do Brasil no sistema capitalista. Se o Capitalismo já traz em si vírus fundamental da negação da democracia enquanto um elemento que possa ser pertinente a todas as classes sociais, como escreveu a marxista canadense Ellen Meiksins Wood em seu livro “Democracia contra capitalismo”, no Brasil essa negação é mais profunda e severa, já que nem os aspectos formais dos sistemas democráticos ocidentais foram efetivamente implantados.

O caminho de saída, como vem mostrando o marxista negro estadunidense Adolph Reed terá de ser pelo reconhecimento de que a luta antirracista só poderá ter um desfecho positivo se for involucrada pelo elemento de classe. Entender essa condição inescapável certamente deveria merecer uma profunda reflexão dos partidos e movimentos sociais que se colocam na linha de frente das lutas antirracistas no Brasil.

Quanto mais cedo nos antenarmos para essa indissociabilidade, melhor será, especialmente para aqueles milhões de brasileiros que acordam todos os dias com medo de serem o próximo João Alberto.

Finalmente, uma reminiscência pessoal. Graças ao meu amigo Edilberto Rocha Silveira, professor titular da Universidade Federal do Ceará, pude visitar uma senzala, hoje transformada no “Museu Senzala Negro Libertado”, no município de Redenção, que foi justamente o primeiro lugar no Brasil, cinco anos antes da promulgação da Lei Áurea, a libertar todos os seus escravos. Essa visita me fez ver as condições de horror e claustrofobia em que viviam os negros escravizados. Quem tiver dúvida do que se deu a escravidão negra no Brasil, sugiro uma visita a este museu. Ah, sim, se seu sangue não ferver vendo as condições em que viviam os escravos, você provavelmente não sente nada pelos milhões de brasileiros a quem tudo é negado por descender deles. Por isso, sim, você é um racista a la brasileira.

#### Marcos Pedlowski

mocracia e o fascismo 2.0, para que o fascismo prevaleça democraticamente.

A velha direita pensa que domestica a extrema-direita, mas, na verdade, é o contrário que vai ocorrer. Um exemplo português: o partido de centro-direita, PSD, dispõe-se a coligar-se com o partido Chega, de extrema-direita, “se este se moderar”; resposta imediata do líder do Chega: não é o Chega que se vai moderar, é o PSD que se vai radicalizar. Neste caso, o aprendiz do fascismo 2.0 é o melhor profeta dos tempos.

#### Boaventura de Sousa Santos

## O Sagrado e a Literatura no Brasil



Pensar o sagrado no Brasil é reconhecer as peculiaridades que possui um país que tem sido marcado por uma intensa abundância cultural, que resulta numa mistura de crenças, cultos e religiões.

As diversas crenças e religiões sempre estiveram presentes na literatura de todos os povos, refletindo épocas e expressando a fé. No Brasil não é diferente. Falar sobre o sagrado na literatura brasileira não pode se limitar a palavras e comportamentos que insinuem a sacralidade. A multiculturalidade permite que o sagrado adquira várias expressões conforme os costumes e as crenças de cada região do Brasil. O sagrado envolvendo tudo que está ligado à religião, ao extraordinário, as divindades, manifestando-se de maneira diferente do habitual, como algo que transcende a realidade conhecida, mistura-se a cultura e as características de cada estado. Mas não podemos pensar no sagrado apenas como um fato religioso ligado ao Deus do cristianismo, mas a divindades e objetos, a acontecimentos que podem ser revestidos com o caráter da sacralidade por qualquer civilização.

Tudo pode ser considerado hierofânico por quem busca a transcendência. No sagrado o homem busca justificar a sua existência. É inegável a influência do sagrado na vida humana, é a forma que o homem encontrou de atribuir novos poderes a coisas e seres na tentativa de transcender e tentar achar um significado para sentimentos gerados a partir daquilo que o desconhecido nos causa, como o medo ou admiração, dando sentido e explicando essas manifestações desconhecidas. *Mircea Eliade, conceituado estudioso e professor na área, apontou para o "sagrado" como essência presente em todas as religiões que, por sua vez, se oporia ao "profano".*

Ora, podemos entender então que o homem

sacraliza os seres, as coisas e os objetos quando lhe atribui novos poderes, quando através de um novo significado eles passam a possuir uma nova dimensão, tornando-se sacramentos. O sagrado nos influencia e é na convivência humana que ele pode ser compreendido. São poucas as teorias que versam sobre a interdisciplinaridade entre religião e literatura. Falta um olhar mais atento sobre esse tema, talvez porque a matéria relativa à história das religiões seja algo muito novo em nosso país.

O elemento religioso sempre fez parte da cultura, ele se manifesta na literatura sofrendo influências do contexto mundial.

Somos um país em que a pluralidade religiosa está presente, em que a mistura de raças, cores e credos, nos torna um país com uma diversidade cultural e religiosa incrível. O sincretismo religioso é uma característica do Brasil que teve origem com os escravos. Segundo Leonardo Boff por serem perseguidos por suas religiões e desprezados, os negros não tinham voz, criaram então uma valorização da auto estima, através da ideia de que seus orixás os mandaram para essas terras para ajudar os necessitados e trazer energia positiva para o Brasil., o que tornava a missão deles algo transcendental. No Brasil convivem pacificamente entre si vários cultos e religiões, desde o catolicismo, os africanos e indígenas, a própria natureza com seus fenômenos trazendo temor e adoração. Sendo um país de dimensões continentais possui uma produção literária diversificada e plural com diferenças marcantes em relação a cada região do país. Podemos dizer que nossa história literária é relativamente nova. Com pouco mais de 500 anos.

Temos no Brasil inúmeros escritores que através de sua obra representam a identidade cultural de um lugar, e expressam o sagrado com um olhar mais regionalista, mais local, mas sempre mostrando como o sagrado está inserido no dia a dia das pessoas, influenciando seu modo de vida.

Podemos perceber que a busca pelo sagrado busca resolver os intermináveis problemas da existência humana, os mistérios que envolvem a vida e a morte. Novas maneiras de se entender o mundo, o humano e Deus. A literatura permite inúmeras possibilidades de lidarmos com o mundo desconhecido através de uma linguagem que representa aquilo que foge a nossa compreensão, que constitui um mistério.

Passeando na literatura de alguns autores, conseguimos perceber a trajetória do sagrado em nossa literatura. Sofremos influência pela pregação dos missionários da Companhia de Jesus, os padres jesuítas, e rompemos com as hierofanias no século XVIII no período neoclássico. Houve uma produção de obras de vários autores brasileiros nessa época, obras que não mais refletiam o espírito religioso que imperava desde os tempos do descobrimento, deixando de lado os valores pregados pela igreja católica.

Houve um distanciamento da sacralidade na literatura que aumentou a partir dos movimentos realistas, e as manifestações de religiosidade na literatura passaram a ocupar um papel menos importante na nossa sociedade.

As sociedades que aparecem representadas nas obras modernas entram em choque com os preceitos proclamados por uma sociedade que se diz laica. Podemos entender que a sacralidade na literatura atual soa como uma retomada de algo que se perdeu no último século, deixando de ter a importância que tinha, manifestando-se como um novo fenômeno religioso-cultural que pretende ressacralizar o mundo secular. O retorno do sagrado ameniza esse mundo materialista e racional, essa sociedade complexa e funcional está ansiando por mais, por algo que transcenda que vá além, que dê sentido a nossa existência e nos surpreenda.

Podemos concluir que o sagrado na literatura brasileira se encontra em vários autores, cada qual com sua visão de mundo, mas com uma característica em comum, o sagrado sempre se apresentando como uma forma de ser no mundo, como algo mágico que caminha ao lado do profano, nos levando para outros mundos que conferem sentido a nossa existência. Como diz Leonardo Boff: "Existe um cansaço pelo excesso de racionalização e de funcionalização de nossas sociedades complexas. A volta do religioso apenas revela que no ser humano há uma busca por algo maior. Há um lado invisível no visível que gostaríamos de surpreender. Quem sabe não se encontre lá um sentido secreto que sacia nossa busca incansável por algo que não sabemos identificar."

Finalizo com um pensamento de João Guimarães Rosa:

"O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia"

**Mariene Hildebrando**

## 11 - Dia Internacional das Montanhas

O Dia Internacional da Montanha é celebrado todos os anos no dia 11 de dezembro.

Desde 2003 que se celebra anualmente o Dia Internacional da Montanha, também conhecido como Dia Internacional das Montanhas, com o fim de conscientizar a população sobre a importância da preservação das montanhas no mundo. Destacar as oportunidades e os constrangimentos no desenvolvimento das montanhas e construir alianças que tragam mudanças positivas para os povos e ambientes de montanha em todo o mundo

são outros objetivos desta data.

Importância das montanhas

As montanhas são ecossistemas terrestres com uma grande biodiversidade de fauna, flora e que possuem uma singularidade cultural. A sua destruição e degradação paisagística tem vindo a aumentar devido à pressão humana direta e indireta através do aquecimento global e alterações climáticas associadas. A sua preservação é essencial para muitas espécies animais que encontram um habitat natural nas montanhas.

## 20 - Dia Internacional da Solidariedade Humana

A data foi instituída pela Organização das Nações Unidas em 2005, por ocasião da celebração da primeira década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (1997-2006).

A celebração do Dia Internacional da Solidariedade Humana tem como objetivo destacar a im-

portância da ação colectiva para superar os problemas globais e alcançar os objetivos mundiais de desenvolvimento, de forma a construir um mundo melhor e mais seguro para todos.

Neste dia, os governos são recordados dos seus compromissos com os acordos internacionais,

sobre a necessidade da solidariedade humana como uma forma de combater a pobreza. As pessoas são incentivadas a debater sobre os meios de promover a solidariedade e a encontrar métodos inovadores para ajudar a erradicar a pobreza e a fome.





## A açucarada língua portuguesa: Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI

**Autora: Cristine Gorski Severo**

(artigo em Português de Portugal)

### RESUMO

O artigo aborda, a partir dos conceitos de Lusotropicalismo e Lusofonia, o processo histórico de mercantilização da língua portuguesa. Inicialmente, expõe o papel econômico da empreitada colonial açucareira no Brasil. Em seguida, explora os sentidos "adocicados" atribuídos à língua portuguesa falada no Brasil como um lugar de inscrição de significados coloniais no processo de constituição da brasilidade da língua e da identidade. Por fim, discute o valor comercial atribuído à língua portuguesa em tempos contemporâneos, sinalizando para o papel desempenhado pelo Brasil nesta nova ordem. A concepção de língua adotada no artigo assume que ela não é neutra, mas ideologicamente saturada e, por isso mesmo, as valorações e significações atribuídas à língua produzem efeitos sobre as práticas linguísticas. Toma-se como corpus uma amostra de discursos, histórica e contemporaneamente produzidos sobre a língua portuguesa do Brasil, oriundos de diferentes gêneros discursivos.

### INTRODUÇÃO

"Só em nova fase de atividade portuguesa - a propriamente colonizadora, a do fim do século XVI e parte do século XVII - o Brasil teria força de trunfo no jogo das competições imperialistas das nações européias. Essa transformação, em virtude da repentina valorização do açúcar nos mercados aristocráticos e burgueses da Europa. O açúcar tornou-se artigo de luxo, vendido a preços elevadíssimos e dando lucros enormes a produtores e intermediários. Até o mascavo [...] que se exportava para a Europa valendo cerca de vinte xelins por cem libras." (Gilberto Freyre, 1933)

As reflexões trazidas neste artigo derivam da pesquisa "Língua Portuguesa e Política Externa: vozes, práticas, sujeitos e interesses envolvidos", que tem como um de seus objetivos resgatar e elencar histórica e contemporaneamente os significados e valores atribuídos à língua portuguesa. Considera-se que tais valorações veiculam e cristalizam discursos coloniais, atravessando épocas e geografias. A pesquisa busca, metodologicamente, organizar um corpus de discursos historicamente situados sobre a língua portuguesa do Brasil, oriundos de diferentes gêneros discursivos, com fins de se mapear as valorações e significações atribuídas à língua. Teoricamente, apoia-se nas reflexões promovidas por Bakhtin e seu Círculo, que tomam a língua como ideológica e valorativamente saturada (Bakhtin, 1935/1990; 1952-1953/2003), sendo a estrutura linguística um aparato para a materialização de significados e valorações (Voloshinov, 1929/2006). Complementarmente, toma-se como princípio que a avaliação dos usos linguísticos produz efeitos sobre os processos de variação e mudança linguística, conforme atestado por Wenreich, Labov e Herzog (1968/2006, p.124): "O nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente." Uma das formas de diagnóstico dessa apreciação social se dá pelo levantamento do percurso histó-

co dos significados atribuídos à língua (Severo, 2011).

O interesse pela dimensão axiológica e política da língua norteia o presente artigo. Muito embora não se trate de promover, no decorrer do texto, discussões teóricas sobre os conceitos de língua, procura-se elencar a discutir valorações atribuídas à língua portuguesa a partir de um olhar histórico e discursivo. Tais valorações produzem efeitos sobre os diversos usos linguísticos (cotidianos, políticos, literários, midiáticos, etc.), fato que justifica o interesse do tema para as pesquisas em Políticas Linguísticas e, conseqüentemente, em Linguística Aplicada.

Nos últimos anos, tem-se notado uma explosão discursiva sobre o valor econômico da língua portuguesa. A título de ilustração, o simples enunciado "o valor econômico da língua portuguesa" adicionado ao sistema de busca do Google traz como retorno 17.000 resultados. Curiosamente, dentre as 10 primeiras ocorrências estão oito sítios de Portugal, um sítio brasileiro e um sítio americano destinado a brasileiros residentes nos Estados Unidos (Gazeta Brazilian News). O primeiro desses resultados é uma notícia veiculada no sítio português do Observatório da Língua Portuguesa, que descreve a 3ª Conferência realizada pela instituição (2011) sobre o valor econômico do idioma.<sup>2</sup> A notícia condensa uma série de trechos de palestras ministradas por representantes de instituições internacionais e por pesquisadores sobre o valor econômico do Português, listando estatísticas que justificariam o crescimento do valor econômico da língua. Assim, a língua portuguesa ocuparia as seguintes posições: 5ª em número de países com essa língua oficial; 7ª em número de traduções como língua de destino e 15ª como língua de origem; 8ª em número de artigos na Wikipédia; 15ª em prêmios Nobel da Literatura; 31ª em termos de índice de desenvolvimento humano; 32ª quanto à presença da língua na Internet; e 91ª posição quanto à taxa de fecundidade. Além disso, o valor da língua em Portugal equivaleria a 17% do PIB do país. Para exemplificar a natureza comercial dos argumentos utilizados, menciona-se:

Afigura-se crucial, num tempo de crise como o actual, apostar crescentemente nos países com quem, ao longo dos séculos, construímos pontes, afinidades, afectos e uma língua comum. São eles sobretudo o Brasil e Angola que integrarão no presente século, e já integram, o grupo das economias em desenvolvimento ou emergentes, sem esquecer os recursos energéticos e petrolíferos existentes em São Tomé, Moçambique ou Timor. (Observatório da Língua Portuguesa)

O interesse pela dimensão econômica da língua portuguesa parece ter motivado muito mais os portugueses do que brasileiros, angolanos, moçambicanos ou outras sociedades que têm a língua portuguesa como oficial. Não é difícil encontrar avaliações sobre essa realidade, como a do cientista político americano Joseph Nye que revela em um jornal digital português a estratégia da ex-metrópole: "Portugal deve usar o 'soft power' (poder suave) da sua Língua e cultura para desenvolver relações com o Brasil e com os países africanos de língua oficial portuguesa.

O Brasil teve um progresso econômico e político impressionante nas últimas décadas, e Portugal deverá beneficiar das ligações históricas e linguísticas."<sup>3</sup>

Ainda ilustrando o interesse econômico pelo idioma, aquele mesmo Observatório português organizou, em fevereiro de 2013, o 1º Congresso Internacional da Língua Portuguesa, realizado em Lisboa. Informações sobre o congresso, divulgadas no sítio da Empresa Brasil de Comunicações (EBC), revelam que o crescimento econômico de Brasil, Angola e Moçambique, além de fatos como a Copa do Mundo (2014) e Jogos Olímpicos (2016), explicariam o "boom de interesse" pela língua portuguesa. Curiosamente, este assunto foi um dos temas de redação do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (2014), fato que também ilustra a atualidade do assunto.

Dentre as instituições oficialmente imbuídas de levar adiante a empreitada de difusão e promoção da língua portuguesa estão o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), criado em 1989, em São Luís do Maranhão, no 1º Encontro dos Chefes de Estado e de Governo dos Países de Língua Portuguesa; e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 1996, como "foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros", tendo como um de seus três objetivos gerais "a materialização de projectos de promoção e difusão da língua portuguesa" (sítio da CPLP, objetivos). A CPLP é composta de nove Estado-membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O IILP foi anexado como órgão adicional da CPLP apenas em 2005, no X Conselho de Ministros realizado em Luanda/Angola.

Essa breve apresentação ilustra o papel econômico atribuído à língua portuguesa em tempos de novas configurações globais afetadas pelo crescimento dos chamados países emergentes (entre os quais algumas ex-colônias de Portugal). O presente artigo visa discutir a natureza, os interesses e os efeitos desse papel econômico à luz de um olhar histórico e contemporâneo. Na primeira seção, são apresentadas as condições materiais de emergência de discursos sobre a língua portuguesa como "língua adocicada"; para tanto, será exposto um breve panorama histórico do dispositivo açucareiro no período colonial, bem como das especificidades da colonização portuguesa, a partir das ideias de Gilberto Freyre. Na segunda seção, serão apresentadas e discutidas algumas avaliações feitas, especialmente, por intelectuais e literatos brasileiros sobre a língua portuguesa como "língua adocicada". Na terceira seção, será discutida a maneira como tais avaliações são atualizadas para fins de mercantilização da língua portuguesa no contexto pós-colonial e multipolar do século XXI. Toma-se como argumento central e fio condutor do artigo a ideia de que as avaliações feitas sobre a língua não são neutras, mas motivadas por questões ideológicas e materiais, conforme atestado por Voloshinov (1929/2006, p.139)

**CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO**

## Preço da Comida: Ao Invés de arroz, feijão e alimentos, Agro Negócio planta mais Soja pra exportação. Tem que desenhar?



A o  
i n -  
vés  
d e  
l n -

centivar a Agricultura Familiar que produz 70% do que a gente come, Governo prefere incentivar o tal "agro Negócio", para o qual grãos não são comida, mas dinheiro pra enriquecer...eles. Vejamos parte da entrevista de Sílvio Porto, Ex Diretor da CONAB ao Jornal Brasil de Fato

Preço da comida: Brasil perdeu 30% de área de cultivo de alimentos para o agronegócio

"A produção de arroz e feijão está estagnada há 20 anos, enquanto a de soja só cresce", explica ex-diretor da Conab

Para Sílvio Porto, a primeira iniciativa para garantir o abastecimento de alimentos deveria ser a derrubada de vetos de Bolsonaro ao PL 735, em apoio à agricultura familiar - EBC

Sem estratégia e políticas públicas voltadas para a produção de alimentos, o Brasil dá cada vez mais espaço e incentivos ao agronegócio. O ex-diretor da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) Sílvio Porto, em entrevista ao Brasil de Fato cita o fato de o cultivo de arroz e feijão ter perdido 30% de sua área para a soja na última década para exemplificar o problema que estamos vivendo.

Porto, que é professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), falou sobre as causas do aumento dos preços de alimentos em meio à pandemia.

Com estoques públicos de alimentos da Conab praticamente zerados, ele afirma que a primeira coisa a ser feita nesse momento deveria ser a derrubada dos vetos ao PL 735, que concederia recursos à agricultura familiar e camponesa, os assentamentos de reforma agrária, povos e comunidades tradicionais.

"O Brasil tem milhões de estabelecimentos voltados e identificados com essa identidade da agricultura familiar e camponesa e é ela quem efetivamente produz a maior parte dos alimentos que chega às mesas do povo brasileiro", destaca.

"Seria muito importante estimular uma estratégia de abastecimento popular para sobretudo as grandes cidades e as áreas periféricas dessas grandes cidades, porque as populações negras, as populações pobres estão à mercê desse aumento de preços", completa o professor.

Em entrevista ao programa Bem Viver, Sílvio Porto explica a alta dos preços dos alimentos.

Brasil de Fato: Estamos acompanhando um aumento assustador nos preços dos principais alimentos da cesta básica, mas a gente entende que a alta dos preços é apenas a ponta do problema. Por que os alimentos estão assim tão caros?

Sílvio Porto: Bom, esse é um tema bastante complexo, e por isso mesmo que é difícil de entendê-lo e, exatamente por essa característica, há um aproveitamento dessa situação. A principal problemática é a falta de política pública de abastecimento nesse país, ou seja, toda a regulação do sistema de abastecimento alimentar está entregue a interesses privados.

Tanto é que recentemente foi feito um apelo para os supermercados não aumentarem os preços, como se um apelo resolvesse essa questão. Aí tem o componente do aumento das exportações de carnes. Em que pese a maior parte da produção ser consumida internamente, essa elevação das exportações e principalmente a elevação também dos preços em nível de exportação em função do preço do euro ou do dólar. A questão cambial, ela acaba elevando os preços para exportação, e isso rebate aqui internamente para a população, sobretudo de baixa renda.

Há um diferencial de 180% entre o preço comercializado em nível da Ceasa, comparado com o varejo

Aí nós temos outros problemas relacionados à questão de legumes, de frutas, hortaliças, enfim, os hortigranjeiros que têm sido um dos grandes problemas em relação à ampliação dos preços. Desde março eu venho acompanhando isso, a gente percebe que houve um problema de oferta, mas muito ocasional. Mas quando a gente olha efetivamente os dados em nível de duas Ceasas – que são para mim as mais relevantes em relação a esse acompanhamento dos preços –, que são a Ceagesp, em São Paulo, o maior mercado de hortigranjeiros da América Latina, e a Ceasa de Minas Gerais, em Contagem, a gente vai ver a disparidade de preços entre o que é comercializado na pedra, o que é comercializado pelos produtores ou atacadistas, em relação ao que é comercializado pelos supermercados.

Há uma discrepância enorme, há um aproveitamento, eu diria. E isso não é de hoje, sempre aconteceu, infelizmente. A própria Ceasa de Minas faz esse acompanhamento mostrando que em algumas das situações, e há um diferencial de 180% entre o preço comercializado em nível da Ceasa, comparado com o varejo.

Então é uma questão, efetivamente, de falta de políticas públicas que não permite que nós tenhamos, nós que eu quero dizer, que o governo tenha a capacidade de gerir esse processo porque simplesmente entregou isso, totalmente, para a mão privada.

Junto com isso, nós estamos com um problema seríssimo que é a falta de estoques públicos. Praticamente os estoques públicos estão zerados e essa é uma situação que coloca o governo totalmente refém do mercado.

Mas o mercado pode fazer isso em plena pandemia, em que a gente vive um momento de calamidade pública, aprofundamento aí da crise sanitária e socioeconômica?

O mercado é aéctico, ele é antiético, ele não tem ética, ou a ética do mercado é, se a elasticidade, se o preço permite subir, ele vai subir. E infelizmente é o que está acontecendo.

Agora mesmo, o fato de ter tido o veto ao PL 735, que liberaria recursos para a agricultura familiar e camponesa poder produzir alimentos, porque é ela que oferta esses alimentos que estamos falando. Quando a gente olha para o Mi-

nistério da Agricultura, e olhamos para o Plano Safra do Ministério da Agricultura e os estudos e as projeções estratégicas, a gente vai ver como vitrine a soja, as carnes, o açúcar, o café, ou seja, os produtos responsáveis pelas principais exportações brasileiras.

A gente nunca vê uma estratégia definida para o abastecimento interno desse país.

Então a grande questão é que o governo não tem mecanismos, não tem possibilidade de fazer nenhum tipo de intervenção porque, primeiro, não dispõe de estoques públicos, segundo, em relação a produtos perecíveis, não há nem estímulo à produção.

E a pandemia a gente sabe que ela gerou problemas, principalmente nos primeiros meses, porque houve fechamento de feiras, houve fechamento de supermercados, houve redução da oferta e essa redução da oferta por consequência levou certamente à elevação de preços, embora isso até esteja se regularizando.

O mercado é aéctico, ele é antiético, ele não tem ética, ou a ética do mercado é, se a elasticidade, se o preço permite subir, ele vai subir.

Nós também entramos no período agora de inverno, um inverno sempre gera diferenças, em função de frio, em função de geadas. Houve um frio muito intenso no Sul agora e isso afeta a própria disponibilidade de hortigranjeiros.

Tudo isso vai se compondo dentro de um processo que, somado à falta de política gera e provoca toda essa elevação de preço. Há um processo em cadeia, como se fosse uma bola de neve que vai rodando e vai ficando cada vez maior.

Você fala justamente sobre essa falta de estratégia do governo para, de alguma forma, se antecipar. E a gente vê que, tanto presidente quanto a ministra, não estão sabendo apontar caminhos. Já apelaram para Deus, para o patriotismo, mas que tipo de atuação o governo deveria ter diante dessa situação?

Eu diria que, neste caso, só tem uma questão a ser feita. É uma estratégia, que ela seja pensada agora para ser executada daqui para frente, já que não foi feito antes. E a primeira coisa a ser feita seria exatamente o Congresso Nacional derrubar o veto ao PL 735.

Na verdade, uma questão que falta aqui é vontade política.

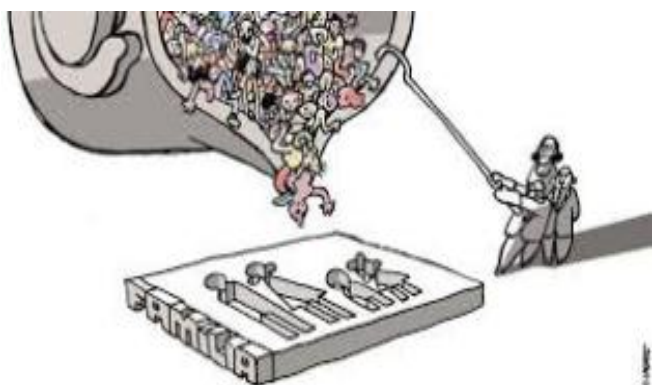
O mais absurdo que não só foi um veto feito pela Presidência da República, mas foi um veto feito com a concordância do Ministério da Agricultura, então não é só uma questão que o Ministério da Economia considerou que haveria gastos.

Está lá isso no comunicado presidencial ao Congresso Nacional, ele entendeu que esse projeto de liberação de recursos para estimular a produção de alimentos não caberia nesse momento e, portanto, ele não era de interesse público. É isso que está escrito na mensagem presidencial. Imagina se a produção de alimentos não é de interesse público?

Na verdade, uma questão que falta aqui é vontade política. Não é de hoje, o Ministério da Agricultura sempre esteve voltado para os interesses do agronegócio e o retrocesso que houve de acabar com a área específica para a agricultura familiar.

**CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE**

## Educação, grande alvo da extrema-direita



Dos EUA à Índia, do Brasil a Portugal, escolas e universidades são alvo de um duplo ataque: tentativa de restringir o debate de ideias e cortes de verbas. Como se articula projeto conservador no Ensino. Por que é preciso combatê-lo.

Os movimentos translocais de ideias, de filosofias, de visões do mundo, de doutrinas sobre a vida e sobre a política e a sociedade são tão antigos quanto a difusão do uso dos metais, das trocas comerciais, da escrita e das primeiras civilizações urbanas a partir da Idade de Bronze 3000 ou 4000 AEC. Certamente com origem na Mesopotâmia e no que viemos a chamar o antigo Médio Oriente, essas trocas espalharam-se por toda essa vasta área da Eurásia, que mais tarde passamos a dividir entre o Ocidente (a Europa) e o Oriente (sobretudo a China e a Índia). Sabemos hoje que a Mesopotâmia foi o berço da cultura grega e que esta esteve presente no Norte da Índia nos primeiros séculos da Era Comum, muito antes de se transformar em patrimônio europeu, o que, aliás, só foi possível graças ao magnífico trabalho de tradução dos textos gregos empreendida em Bagdá pelos árabes do califado Abássida a partir de meados do século VIII, época que ficou conhecida como a Idade de Ouro do Islã.

Ao longo dos séculos, estes movimentos de ideias sempre tiveram uma origem local (às vezes, em vários locais simultaneamente) e a partir daí se difundiram e se transformaram em movimentos globais. As trocas, as influências cruzadas e as adaptações locais sempre foram uma constante dos movimentos de ideias. O protagonismo da Europa nestes movimentos é muito tardio. Só começa no século XVI e, para muitos, só nos séculos XVIII e XIX. Para me limitar aos últimos cem anos, podemos dizer que a marca eu-

### Preço da comida

(Continuação)

e camponesa coloca a questão dos alimentos, a produção de alimentos para abastecimento interno subjugada aos interesses agroexportadores. Essa é a realidade que a gente está vivendo.

Então a gente pode entender que o apoio à agricultura familiar poderia ser uma das nossas saídas.

Eu diria que é a principal saída. É fundamental que a agricultura familiar e camponesa, os assentamentos de reforma agrária, povos e comunidades tradicionais, os quilombolas, os indígenas, enfim, que sejam irrigados com recursos. E veja que os movimentos sociais estavam pedindo. Havia sido feito um acordo no projeto. Nós estamos falando aí de R\$ 3 mil. Embora insuficiente, ele era, e, no caso, para as mulheres seriam 4 mil reais, um fomento, um estímulo.

ropeia nas ideias políticas está presente nos seguintes movimentos globais contemporâneos: liberalismo, socialismo, direitos humanos, conservadorismo. Este último é uma contra-corrente em relação aos outros, pois enquanto estes estão informados pela tensão entre regulação social e emancipação social, donde decorrem avanços na melhoria das condições de vida para as maiorias e na inclusão social, o conservadorismo dá total prioridade à regulação social e opõe-se às ideias de maiorias e de inclusão social (daí, o seu racismo e sexismo). O conservadorismo tem três características principais: sendo um movimento global, afirma-se como contrário à globalização; sendo tão moderno quanto os outros três, apresenta-se como um regresso ao passado, uma reação que tanto pode ser moderada (direita) como extremista (extrema-direita); tem uma visão muito seletiva da soberania nacional que não o impede de ser subserviente à globalização capitalista neoliberal. Depois da Segunda Guerra Mundial o eixo desta difusão de ideias deslocou-se para o Atlântico norte, devido à supremacia dos EUA. Passou então a falar-se de eurocentrismo.

Estes quatro movimentos de ideias têm três facetas importantes: ocorrem simultaneamente, mas alternam na predominância; adaptam-se criativamente aos diferentes contextos locais; incidem nos processos educativos porque aí se formam as próximas gerações que os podem reproduzir. O período em que vivemos sinaliza uma transição para o predomínio do conservadorismo. Mas é uma transição muito incerta devido sobretudo às questões novas que a pandemia do novo coronavírus veio levantar. Elas apontam para ideias (por exemplo, novas relações com a natureza, alternativas ao desenvolvimento, relações entre o Ocidente e o Oriente) que não cabem nas versões dominantes do liberalismo, do socialismo ou dos direitos humanos. Vivemos, assim, transições de sinal contrário que por vezes dão a aparência de impasse ou de esgotamento ideológico. Hoje, detenho-me na ascendência global do conservadorismo, tanto em sua versão moderada como extremista, e nas suas recentes manifestações na área da educação no Brasil, na Índia, na Colômbia e em Portugal.

Antes da pandemia esta ascendência era particularmente visível em países tão diferentes co-

Isso é o mesmo que está sendo distribuído em relação ao auxílio emergencial, ou seja, é muito pouco dinheiro, muito pouco recurso para dar um estímulo à produção. E o fato é que, se não tiver estímulo à produção nesse momento – já que nós estamos falando de safra, estamos falando de agricultura que depende do preparo do solo, que depende de cuidados, que depende de uma safra para ser colhida – certamente essa situação tende a ficar ainda mais séria.

A produção de arroz, hoje ela é a mesma dos anos 2000. Vejam só, 20 anos atrás é a mesma produção.

Na agricultura nós precisamos contar com uma estratégia, com planejamento e com o clima. Essas três coisas são fundamentais e a agricultura familiar e camponesa é crucial.

O Brasil tem milhões de estabelecimentos voltados e identificadas com essa identidade da agricultura familiar e camponesa e é ela quem efetivamente produz a maior parte dos alimentos que chega à mesas do povo brasileiro e junto

mo Reino Unido, EUA, Brasil, Índia, Filipinas, Hungria, Polônia, Turquia, Rússia, Bolívia, Equador, Chile, Colômbia, Israel, Guiné-Bissau, Marrocos, Egito, Camarões. A pandemia veio criar um problema inesperado para a direita: os países em que estava no poder foram aqueles em que a proteção da vida foi, em geral, mais deficiente. Os governos de direita não só se revelaram incompetentes para proteger a vida, como em alguns casos extremos (EUA e Brasil) tomaram medidas que diretamente puseram em risco a vida dos cidadãos. Apesar disso, não é claro que os próximos processos eleitorais os punam nas urnas. O risco existe e, para o prevenir, estamos a assistir ao mais preocupante desenvolvimento possível: o conservadorismo de direita está a deslizar para a extrema direita. Nos EUA, Donald Trump, perante a perspectiva de perder as eleições, está a promover campanhas maciças de desinformação, a recorrer às forças militares e a mobilizar milícias neonazis, de extrema direita, o que pode vir a pôr o país à beira de uma guerra civil, sobretudo se Trump não conseguir manipular com êxito os processos eleitorais e perder as eleições. O Brasil pode vir a seguir o mesmo caminho em 2022.

Como referi, um dos alvos privilegiados do novo (velho) conservadorismo de direita e de extrema-direita é a educação. Cito quatro casos a título de exemplo. No Brasil, podem identificar-se duas ações principais. A primeira consiste na iniciativa Escola Sem Partido, criada em 2004 com o objetivo de supostamente eliminar a “doutrinação ideológica” nas escolas. A partir de 2013, com a viragem da política brasileira para a direita (intensificação da desinformação de extrema-direita por via das fake news, perseguição político-judicial ao Partido dos Trabalhadores no âmbito da Operação Lava-Jato, especialmente contra o ex-presidente Lula da Silva, impedimento da Presidente Dilma Rousseff em 2016, eleição de Jair Bolsonaro em 2018), a Escola sem Partido intensificou a sua ação com dezenas de projetos de lei apresentados aos órgãos legislativos dos vários níveis de governação (municipal, estadual e federal) com medidas que violavam os direitos humanos fundamentais, a liberdade docente e a própria Constituição,

**CONTINUA NA PÁGINA 13**

com isso seria muito importante estimular uma estratégia de abastecimento popular para sobretudo as grandes cidades e as áreas periféricas dessas grandes cidades, porque as populações negras, as populações pobres estão à mercê desse aumento de preços e, portanto, sofrendo dessa situação.

Se nós olharmos, a produção de feijão e de arroz, ela vem decrescendo e, sobretudo, a produção de arroz, hoje ela é a mesma dos anos 2000. Vejam só, 20 anos atrás é a mesma produção. A produção de arroz está estagnada no Brasil. A produção do feijão vem caindo significativamente. Na primeira, na segunda e na terceira safra, esses são os dados.

Enquanto a soja só cresce. Nós temos 36 milhões de hectares de soja e o arroz e feijão vem perdendo. Perderam 30% de área na última década e isso é muito expressivo e explica parte da problemática que nós estamos vivendo hoje.

Edição: **Rodrigo Chagas**

## O absurdo que há em nós



Não há que se negar que vivemos em um mundo do absurdo. Não esperávamos por isso, e de repente fomos jogados literalmente nele.

O mito de Sísifo, em si mesmo, e o livro de Camus podem talvez nos lançar uma luz sobre esta ideia, em princípio tão obscura.

Sísifo é um personagem da mitologia grega condenado pelos deuses a repetir eternamente a tarefa de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha. Pedra que rolava a cada vez que Sísifo estava quase chegando no topo. Sísifo poderia ter desistido ao perceber que seu esforço contínuo era em vão. A pedra rolava com uma força gravitacional resistível a qualquer tentativa humana.

Sísifo não abandona seu esforço apesar de saber que nunca conseguirá. Levar a pedra tinha sido o seu destino ditado pelos deuses. Incansável labuta que durou toda a sua vida.

Camus no seu livro com o mesmo título do mito vai em busca da compreensão de um sentido para o absurdo. O absurdo da própria vida. O homem nasce e cresce na conquista de uma coerência, de um sentido para sua própria vida. Mas, o mundo no qual ele vive não fornece absolutamente nenhuma resposta. Ele se encontra em um universo onde ele não compreende o seu sentido. Por que continuar levando a pedra se no final das contas sabemos que ela vai nos levar para o início da trajetória? Para que continuarmos a viver se sabemos que no final é a morte que nos espera? Onde está a saída para a labuta absurda do cotidiano quando sabemos que no final das contas nada vale a pena?

Em momentos de crise como esta parece que uma lucidez nos aflora: a mesma labuta de Sísifo nos percorre alma adentro. O que fazer e no que acreditar quando parece não haver mais saída?

Camus nos diz logo no início de seu livro. “Só existe um problema filosófico verdadeiramente

sério: o suicídio. Julgar que a vida vale ou não a pena ser vivida é responder a questão fundamental da filosofia”. O autor se nega a permanecer nesta única solução do suicídio. E o homem que escapa ao suicídio é o próprio absurdo.

No entanto não estamos todos realmente conscientes desse viver no absurdo. Heidegger vai dizer que a única realidade é o estado de preocupação dos seres. Para o homem perdido no mundo e seus divertimentos essa preocupação é breve. Mas quando o medo se torna consciente de si mesmo, se torna angústia, a qual é condição perpétua de vida de todo homem lúcido.

Aqueles que se esquivam a suas angústias no desenfreado sem sentido da vida fecham os olhos para o próprio absurdo da vida. Vão ainda mais além. Param de pensar no mundo e no universo, e permanecem em suas vidinhas vãs e sem sentido.

O que resta ao homem do absurdo, aquele que tem consciência plena que no final da caminhada árdua só lhe resta a morte a sua espera? Uma esperança? Não há esperança para algo inelutável. Apesar que muitos agem como se fossem imortais.

Quando “o homem se depara com a realidade de que não há nada a esperar, ele se encontra diante do irracional. Ele sente nele seu desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce dessa confrontação entre o chamado humano e o silêncio irracional do mundo. É isto que não se pode esquecer”.

Parece haver então, segundo Camus, uma saída para o homem absurdo. Com certeza não é a alienação de que tudo está em seus devidos lugares, do esquecimento de que não há esperança diante da morte. Não tem um Deus que nos salva no final do túnel de nossas vidas. Não esquecemos que após Nietzsche não há mais Deus. E Chestov acrescenta: “Nos colocamos em face de Deus apenas para obter o impossível. Quanto ao possível, os homens são suficientes”.

Camus nos diz, que o irracional, a nostalgia humana e o absurdo são os três personagens do drama humano que devem necessariamente acabar com toda a lógica cuja uma existência é capaz de ter. O homem reconhece a luta, não despreza a razão, mas admite o irracional. Ele olha para as experiências da vida, e está pouco disposto a saltar nelas antes de saber. Ele sabe somente que nesta consciência atenta não existe mais lugar para a esperança.

Por isso Camus vai atrás do homem absurdo, aquele que pode procurar apesar da irracionalidade incondicional da existência do humano e do mundo, uma centelha de razão e de verdade. É uma busca eterna do humano, mas uma possibilidade para viver o absurdo da vida. O homem como ser pensante e consciente deve conviver com o absurdo. “Pensar não é unificar, tornar familiar a aparência sob o rosto de um grande princípio. Pensar é reaprender a ver, a ser atento, é dirigir sua consciência, é fazer de cada ideia e de cada imagem, à maneira de Proust, um lugar privilegiado”.

É nisto que consiste nossa única tarefa nesta condição de absurdidade da vida. Reaprender a ver o movimento do mundo, do humano, da natureza, da sociedade. Estar atento para o que rege o mundo, que não é aquilo que consiste apenas na nossa pobre vida particular. Nas nossas pequenas esperanças de que algo maravilhoso está em nós e em nossa volta. É uma luta constante e consciente de que levar a pedra até o topo, mesmo sabendo que ela cairá, faz parte da própria vida. Saber que o que importa é o processo e não o fim.

Por último e não menos importante resta a lição sobre o amor do qual fala Camus. Temos a falsa ideia de que apenas amar as coisas nos salva. Se fosse suficiente amar, tudo seria muito simples. Quanto mais amamos, mais o absurdo se consolida. Não que ele não possa ser possível. “Mas, sobre o amor, eu conheço aquilo que é uma mistura de desejo, de carinho e de inteligência que me liga a um outro ser”.

O amor não nos salva do absurdo como nos ensina Cristo. Ele é igualmente o próprio absurdo.

Enfim, Camus nos ensina que o mundo muitas vezes nos escapa apesar do amor. E nos escapa porque se torna ele mesmo, sem as máscaras que havíamos colocado para suportá-lo. É o momento da angústia humana. É a certeza de que entre nós e o mundo existe uma cisão irreparável. Ao mesmo tempo em que estamos dentro dele, ele se distancia de nós.

“Da mesma maneira que existem dias em que diante do rosto familiar de uma mulher, nos deparamos com uma estranha aquela que havíamos amado meses e anos, e talvez iremos desejar aquilo que nos torna mais solitários. Esta estranheza do mundo é o próprio absurdo.”

**Evânia Reich**

## 18 - Dia Internacional dos Migrantes



### Quem é migrante?

É considerado migrante a pessoa que:

- é forçada a deixar o seu país ou que o faz voluntariamente;
- procura uma vida melhor ou uma vida diferente;

- possui autorização de residência num determinado país;
- vive na clandestinidade.

O Dia Internacional das Migrações, ou Dia Internacional do Migrante, é celebrado anualmente a 18 de dezembro.

A data foi proclamada em 2000 pela Assembleia Geral das Nações Unidas sendo celebrada neste dia desde então.

No dia 18 de dezembro de 1990, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Convenção Internacional para a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias.

Anualmente neste dia realizam-se diversas atividades, desde vigílias em memória daqueles que perderam a vida a sair do país natal, à exibição de documentários sobre a migração, por exemplo.

Ao longo da história do homem, a migração tem sido uma manifestação corajosa da vontade da pessoa em superar a adversidade e em alcançar uma vida melhor. Com a globalização e com as novas tecnologias de comunicação, cada vez mais pessoas desejam passar fronteiras.

A Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e em vigor desde 2016 apresenta 17 objetivos para transformar o nosso mundo. Assegurar a segurança da migração e implementar políticas que a tornem ordenada e regular são metas do objetivo 10 para reduzir as desigualdades.

## Educação, grande alvo da extrema-direita

(Continuação da página 11)

um conjunto altamente ideológico conservador cuja inconstitucionalidade tem sido questionada por várias instâncias nacionais e internacionais.

A segunda ação consiste no ataque multifacetado às universidades públicas que envolve, nomeadamente, os cortes orçamentais e consequente subfinanciamento e o questionamento do sistema democrático da eleição dos reitores das universidades públicas federais. O governo de Jair Bolsonaro tem vindo a ignorar a eleição de reitores progressistas e mesmo a nomear reitores-interventores, tal como no tempo da ditadura que vigorou no país entre 1964 e 1985.

Na Índia, desde que Narendra Modi e o seu partido (BJP) chegaram ao poder (2014) tem havido um ataque sem precedentes à liberdade académica. O sistema universitário indiano é muito diverso, composto por universidades públicas e privadas, centrais (ou federais) e estaduais, universidades para minorias, universidades religiosas, entre outras. Os ataques às universidades públicas centrais é o que tem tido mais publicidade. Intensificaram-se depois de 2014, embora tivessem ocorrido antes dirigidos pela organização juvenil do partido que agora está no poder. Professores e líderes estudantis têm sido criminalizados ao abrigo da lei contra o terrorismo e reuniões e encontros promovidos por estudantes ou professores têm sido proibidos a pretexto de que abordam temas politicamente sensíveis. À semelhança do que tem acontecido noutros países, os ataques diretos à liberdade académica têm sido complementados com ataques indiretos, nomeadamente com a precarização dos contratos dos docentes, a nomeação de administradores impostos pelo Estado, a supervisão ideológica dos planos de estudo e a sistemática nomeação para posições universitárias de topo de ideólogos de direita e partidários do BJP, muitas vezes sem as necessárias qualificações académicas.

Na Colômbia, o governo de direita e as organizações sociais que o apoiam têm promovido múltiplos ataques à universidade pública e ao pensamento crítico. Mediante acusações falsas, estigmatizações e montagens judiciais, têm incriminado professores e estudantes sob o pretexto de pertencerem a grupos terroristas. Além disso, professores que “incomodam” só por pertencerem ao movimento universitário em defesa da educação pública têm sido ameaçados de morte. Perante a resistência da universidade pública, o governo tem vindo a asfixiá-la financeiramente, transferindo fundos para as universidades privadas. O objetivo é abrir o caminho para o capitalismo universitário de modo a que a universidade se transforme numa empresa e a suposta “doutrinação ideológica” seja substituída pelo monopólio da ideologia do mercado. E, tal como no caso português (a seguir), o conservadorismo de direita e de extrema-direita colombiano tem atacado a educação sexual nas escolas sob o pretexto de difundir a “ideologia de gêne-

ro”, acusando inclusivamente o Acordo de Paz de 2016 de a promover.

Em Portugal, o conservadorismo de extrema-direita, que sempre existiu antes e depois da Revolução do 25 de Abril de 1974, tem hoje um partido, o Chega, que congrega à sua volta todos os movimentos neonazis e nacionalistas que nunca se conformaram com a derrota que sofreram com a Revolução. A sua estratégia futura vai assentar na capitalização do descontentamento que a crise económica e social decorrente da pandemia pode vir a provocar. O conservadorismo moderado ficou imobilizado com a pandemia porque o consenso no combate à crise sanitária foi inicialmente avassalador e o governo de esquerda mostrou eficácia e coerência nas medidas de curto prazo. Desesperado em busca de agenda que possa chamar a si os seus adeptos, encontrou-a recentemente na disputa sobre o carácter obrigatório ou optativo da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento no ensino secundário. A disciplina é obrigatória. A polémica surgiu quando os pais de dois alunos de Vila Nova de Famalicão invocaram a objeção de consciência para não deixar que os filhos frequentassem a disciplina, com o argumento de que os temas da disciplina eram uma responsabilidade da família. Os alunos reprovaram por faltas, foram admitidos pela escola a transitar de nível, o Ministério de Educação recusou o procedimento e exigiu que os alunos frequentassem um plano de recuperação, plano que os pais rejeitaram, avançando com uma providência cautelar que foi aceite pelo tribunal. Está pendente a decisão.

Entretanto, personalidades de direita, tanto secular como religiosa, publicaram um manifesto em favor do carácter facultativo da disciplina. Não podiam escolher um alvo menos adequado e um tempo menos oportuno. Vivemos em pleno período de crise sanitária que nos tem vindo a ensinar a necessidade de consenso político nas questões de que depende o nosso futuro e o das gerações que nos sucedem. Educar para a cidadania, em todas as suas expressões, é hoje mais urgente que nunca. Neste contexto, afirmar liberdades que possam desestabilizar a educação dos jovens e questionar ainda mais as suas expectativas assume uma particular gravidade. Todos se recordam das manifestações nos EUA das forças de direita e de extrema-direita contra o uso das máscaras e o distanciamento sanitário. A repulsa foi geral. No caso da educação sexual (porque é esse o cerne do incômodo) não está em causa a desobediência a orientações da OMS; está em causa a violação de tratados internacionais de direitos humanos que Portugal ratificou. Recordemos que o princípio da igualdade de género e do respeito pela diversidade sexual está hoje internacionalmente reconhecido, e é dele que decorre a exigência da educação sexual nas escolas, o que, aliás, sucede em toda a Europa. E para surpresa dos conservadores portugueses, os estudos revelam que os pais norte-americanos, qualquer que seja a sua orientação política, são, em esmagadora maioria, a favor da educação sexual na escola. Entre outras motivações, muitos deles preferem

que seja a escola a tratar de temas que, por mais importantes, podem ser incômodos quando tratados na intimidade familiar. Outros temem que, na ausência da escola, as redes sociais ocupem esse espaço sem qualquer controlo.

A polémica que se levantou na sociedade portuguesa mostra até que ponto o Portugal profundo continua sexista (e certamente também racista, já que os dois preconceitos vão juntos, como vários casos recentes mostram). Há cinquenta anos as escolas ensinavam que as mulheres deviam obediência aos maridos, que não podiam exercer certos cargos por carecerem de capacidade física ou mental e que os homossexuais eram doentes (quando não criminosos). As transformações políticas, por que passamos, e os movimentos sociais que se lhes seguiram em favor dos direitos sexuais, e todo o movimento global pelos direitos humanos, foram sedimentando numa nova cultura de paz e de convivência, de reconhecimento da diferença e de respeito pela diversidade. Essa cultura sobrepõe-se a séculos de preconceitos – e a séculos de privilégios em que tais preconceitos se traduziram e continuam a traduzir. A inércia social que isso causa aflora a cada momento, como no caso presente. Daí a necessidade de a escola se envolver ativamente na aprendizagem de uma cultura democrática, não excludente, promotora dos direitos humanos. E certamente que as escolas o fazem de uma maneira muito mais confiável que as redes sociais.

À luz de qualquer dos três movimentos globais de ideias de matriz europeia (liberalismo, socialismo, direitos humanos), esta iniciativa do conservadorismo português significa uma violação dos objetivos de inclusão social igualitária que dominaram nos últimos cem anos e, em Portugal, apenas nos últimos cinquenta anos. Devido a esta particularidade portuguesa, pôr em causa a vigência plena da educação para a cidadania é particularmente grave. É que, por detrás da convicção de conservadores da direita moderada, esconde-se a extrema-direita, provavelmente com o objetivo de se sobrepor a ela na polarização que vai explorar a todo o custo. A presença da hierarquia da Igreja Católica, em aberta desobediência ao Papa Francisco, é um sinal adicional de preocupação. Não esqueçamos ainda que a hierarquia da Igreja Católica portuguesa defendeu o fascismo (e o colonialismo) até aos seus últimos estertores. E, obviamente, é particularmente importante que os tribunais não abdicuem de fazer valer os direitos da igualdade sexual e da orientação sexual consignados nas leis e na Constituição. Lembremo-nos de que nesta matéria houve decisões recentes altamente problemáticas e justificadas com fundamentos ilegais.

Não é optativo retroceder. Os retrocessos na educação são sempre um péssimo augúrio para a sociedade. Se a igualdade sexual fosse ideologia de género, a igualdade entre raças seria ideologia racial e a luta contra a pobreza seria ideologia classista. E, em última instância, a luta contra o fascismo seria ideologia... democrática.

**Boaventura de Sousa Santos**

## 21 - Início do Verão - Solstício de Verão

No Hemisfério Sul, onde está localizado o Brasil, a estação do verão é caracterizada por apresentar dias mais longos do que as noites, clima quente e chuvas constantes, em decorrência da rápida evaporação das águas pelo calor do Sol.

O começo do verão é marcado pelo evento astronômico denominado Solstício de Verão, ou seja, é o período em que o hemisfério Sul está inclinado cerca de 23,5º na direção do Sol. Em 2020, o solstício de Verão no Brasil será às 07h02 do dia 21 de dezembro.

## Relatório aponta sério risco à liberdade acadêmica no Brasil



Estudo divulgado por instituto de Berlim destaca ofensivas em várias frentes contra professores, pesquisadores e instituições

A liberdade acadêmica de pesquisar e ensinar, em um ambiente com autonomia didática e científica nas universidades públicas, é garantida pela Constituição, mas está sob ameaça no Brasil. A conclusão é de um relatório elaborado por um grupo de pesquisadores brasileiros e publicado neste mês pelo instituto GPPi (Global Public Policy Institute), baseado em Berlim.

Os episódios que colocam a liberdade acadêmica em xeque variam de tipo e intensidade: ataques e ameaças de violência contra pesquisadores relacionados ao tema que estudam; abertura de processos disciplinares contra professores que incomodam o comando de suas universidades; ameaças e cortes orçamentários a projetos não alinhados; e discursos do presidente da República e ministros que deslegitimam a atividade acadêmica e instam apoiadores a denunciar professores.

Segundo o relatório, a corrosão da liberdade acadêmica começou a acelerar na última campanha eleitoral, palco para o então candidato Jair Bolsonaro disseminar uma retórica agressiva contra as universidades, que segundo o hoje presidente seriam focos de “doutrinação esquerdista”.

Em setembro de 2018, no auge da campanha, Débora Diniz, antropóloga e professora de direito da Universidade de Brasília, se viu obrigada a deixar o país após meses sofrendo ataques por sua pesquisa e defesa da descriminalização do aborto. Nos meses seguintes à eleição, diversas instituições de ensino superior seguiram recebendo ameaças anônimas de ataques, acompanhadas de mensagens de ódio a mulheres, negros ou homossexuais.

Ao lado das falas depreciativas do presidente, se somam declarações de seus assessores. Em novembro de 2019, o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse, sem apresentar provas, que havia plantações de maconha e produção de metanfetamina em universidades, e que elas eram “madrças [escola muçulmana] de doutrinação”.

A retórica de Bolsonaro se baseia numa ideologia que prega o combate ao “marxismo cultural”. Segundo essa linha de pensamento, após o fim da Guerra Fria, o comunismo passou a se manifestar por meio de movimentos por direito de minorias, contra o racismo e em defesa das mulheres, por exemplo. Esse conjunto de ideias tem até hoje aderência nas Forças Armadas brasileiras.

O GPPi também desenvolve, em conjunto com outras organizações, um índice de liberdade a-

cadêmica, chamado Academic Freedom Index. A edição de 2020, divulgada em março, já havia mostrado que Brasil e Índia eram os países que apresentaram o maior declínio nessa área nos últimos cinco anos.

Refúgio para acadêmicos brasileiros

O declínio da liberdade acadêmica no Brasil chamou a atenção da Scholars At Risk, organização sediada em Nova York. Ela oferece a professores e pesquisadores ameaçados a oportunidade de trabalhar em outro país por um período, por meio de parcerias com diversas instituições de ensino superior.

Desde que foi criada, em 1999, a entidade recebeu 52 pedidos de apoio de professores brasileiros. Desses, 48 foram recebidos após o início da última campanha presidencial. Foram 32 pedidos de setembro de 2018 a agosto de 2019, e outros 16 de setembro de 2019 a agosto de 2020.

A organização também mantém um banco de dados global de casos de ameaças à liberdade acadêmica. Em setembro de 2018, incluiu seu primeiro exemplo do Brasil, o da professora Débora Diniz. Hoje já são seis casos.

“Durante e após as eleições brasileiras de 2018, começamos a receber informes de violência e ameaças por motivos políticos contra acadêmicos no Brasil, que pareciam ter o objetivo de intimidar comunidades acadêmicas. Ao mesmo tempo, começamos a receber pedidos de ajuda de professores brasileiros que mencionavam o medo de serem mortos, presos ou acabarem desaparecidos”, afirma Clare Robinson, diretora de advocacia da Scholars at Risk.

Ela diz que a organização está bastante preocupada com o cenário brasileiro, pois acadêmicos do país continuam a relatar “medo de ataques, incluindo assédio e intimidação, ameaças de prisão e violência, às suas vidas e às suas carreiras”.

A escalada nas ameaças também levou o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes) a criar, em março de 2018, uma comissão para acompanhar casos de criminalização e perseguição política a professores. O órgão oferece assessoria jurídica e apoio político aos acadêmicos afetados.

Um exemplo de caso acompanhado pelo Andes é o de um professor de uma universidade federal de Minas Gerais que se tornou alvo de um processo disciplinar por ter aplicado uma prova durante o período de greve e feito uma viagem para fora do país sem autorização. O processo, segundo Eblin Farage, coordenadora da comissão e professora do curso de serviço social na Universidade Federal Fluminense, tramitou com rapidez incomum e resultou na punição máxima — a exoneração do professor.

“Ministrar provas no período de greve e viajar para fora sem autorização são infrações, mas esse tipo de infração não deveria redundar numa exoneração. A punição foi exagerada e teve motivação política, porque esse professor já tinha um histórico de embates políticos com a instituição, vinha da tradição marxista, tem reconhecimento público”, diz Farage.

Ela afirma que as falas agressivas do presidente e ministros sobre o ambiente acadêmico têm estimulado alunos a fazerem denúncias com motivação política contra professores, e também servem de inspiração para alguns governadores

replicarem a mesma postura nas instituições estaduais de ensino superior.

“Vivemos um momento bem difícil. Por receio de sofrerem perseguição política ou serem expostos em redes sociais, muitos professores passaram a incluir nos programas dos cursos um aviso de que alunos são proibidos de gravar as aulas sem autorização do docente. Há dois anos, ninguém fazia isso”, diz.

O relatório do GPPi inclui uma pesquisa qualitativa feita em janeiro com 35 professores brasileiros das áreas de humanidades e ciências sociais. O levantamento aponta que 17% dos respondentes já haviam restringido o escopo de suas pesquisas por receio de retaliação, especialmente das agências de fomento ou órgãos da administração pública. E que 20% deles já tinham restringido o conteúdo de suas aulas por medo de retaliação dos estudantes.

A nomeação dos reitores

Outra dimensão da tentativa de o governo Bolsonaro reduzir a autonomia das universidades e a liberdade acadêmica se dá no modo de escolha dos reitores.

Cabe ao presidente nomear os reitores das universidades e institutos federais, a partir de uma lista tríplice elaborada por cada comunidade acadêmica. Desde o final dos anos 1990, tornou-se uma tradição o presidente escolher o primeiro dessa lista, para respeitar a vontade das universidades e institutos.

Essa tradição foi rompida por Bolsonaro. Dos 25 reitores indicados pelo presidente até o momento, 14 não eram os primeiros colocados de lista tríplice, segundo levantamento feito pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

O caso mais recente ocorreu nesta quarta-feira (16), quando Bolsonaro nomeou o professor Carlos André Bulhões Mendes para o cargo de reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) — ele recebeu apenas três votos da comunidade acadêmica, contra 29 votos do segundo e 45 do primeiro colocado.

“Em que pese a legalidade dessas escolhas, uma pessoa que participou do processo e teve seu nome rejeitado não tem legitimidade perante a sua comunidade”, afirmou Edward Brasil, presidente da Andifes, em coletiva de imprensa nesta sexta-feira (18/09).

O presidente também tem tentado alterar a forma de escolha dos reitores. Em dezembro de 2019, Bolsonaro editou uma medida provisória que reforçava seu direito de não escolher o primeiro nome da lista tríplice e que interferia no modo como as universidades preparam essa lista — o texto não foi votado pelo Congresso e perdeu a validade em julho de 2020.

Bolsonaro então editou uma nova medida provisória, que autorizava o ministro da Educação a nomear reitores temporários sem consulta à comunidade acadêmica durante a pandemia de coronavírus.

Houve forte reação de professores, pesquisadores e estudantes, e o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP) afirmou que devolveria a medida provisória ao presidente sem votá-la. Diante disso, Bolsonaro acabou revogando sua própria medida provisória, três dias após assiná-la.

**Deutsche Welle**

**02 - Dia Internacional para a Abolição da Escravatura****Os escravos modernos**

A escravidão sempre foi uma das grandes tragédias da humanidade. E isto, infelizmente, aconteceu na antiguidade em toda a face da Terra e ainda existe, apesar de todos os esforços para impedir tal ignomínia. Ainda há a escravidão mascarada, em algumas regiões do mundo, inclusive no Brasil, onde seres humanos são submetidos a tal prática, sem quaisquer direitos, nas mais adversas circunstâncias, sem a devida contrapartida.

Contudo, há outras formas de escravidão de natureza indireta, na maioria das vezes nem percebida pelos que são escravizados, de fato. Os "donos do mundo" (grupos que controlam o sistema financeiro mundial e seus instrumentos como o Clube de Roma, o Diálogo Interamericano etc.) comandam os destinos da população mundial.

**Na maioria das vezes, os escravizados nem percebem**

Como são os detentores do poder econômico, cooptam os meios de comunicação mais influentes do mundo, pautando grande parte da mídia e influenciando decisivamente grande parte da humanidade. Não por acaso elegem seus representantes (de sociedades secretas ou até ostensivas, como o Diálogo Interamericano, no caso das Américas) para os principais cargos dos Poderes Executivo e Legislativo, além de influenciar expressivamente o Judiciário.

É comum emplacar seus integrantes até na presidência da República, como foi na Argentina (Raul Alfonsín), Brasil (FHC e Lula, que entrou e saiu), Uruguai (Sanguinetti), Colômbia (Juan

Santos), Chile (Michele Bachelet) etc. Até o ministro da Fazenda, Sr. Henrique Meirelles, bem como Marina Silva são integrantes do Diálogo. Somente possuindo estas informações é que somos capazes de compreender o comportamento esquizofrênico das últimas administrações, em especial as petistas.

Na expressão econômica, a administração é inteiramente submissa aos interesses da banca internacional e nacional, com a adoção de medidas tão radicais como a taxação dos inativos e o aluguel de imensas áreas da Amazônia, tentadas, mas não concretizadas por FHC, mas realizadas pelos petistas e pela administração atual. Nas expressões psicossocial e política adotaram medidas preconizadas pelo Foro de São Paulo, de perpetuação no poder, admitindo ainda a ação predatória de movimentos como o MST, MLST e outros, sem a devida instalação de instrumentos preventivos.

As classes mais abastadas acumulam cada vez mais riquezas, em especial os bancos usufruindo "alegremente" das vantagens obtidas, enquanto as categorias menos favorecidas são obrigadas a entrar na informalidade, expandindo a economia subterrânea e recebendo o "bolsa esmola". Os bancos nunca ganharam tanto em sua "estória".

A sempre sacrificada classe média, em extinção, acaba transformando-se em produtora dos novos escravos. Nascerem, vivem e morrem dentro os rígidos limites impostos pelos detentores do poder, com raras exceções. O sistema tributário é uma vergonha. Quem ganha muito não paga, com o emprego do "planejamento tributário", enquanto um cidadão que ganha pouco menos de três salários mínimos (SM) mensais é obrigado a pagar. Em 2016 a carga tributária aumentou para algo em torno de 36 % do PIB. Ao mesmo tempo, os serviços públicos estão sendo deteriorados a cada dia (educação, saúde, segurança, saneamento etc.) e vão sendo progressivamente transferidos para a iniciativa privada.

Até a previdência pública vai sendo quebrada para dar espaço à previdência privada. Internamente, é apresentada a inacreditável proposta (a não ser para os usuários) da descriminalização das drogas, felizmente objeto de forte reação

por parte das forças vivas da Nação. O ensino público vai sendo brutalmente esvaziado, em especial com o sistema de cotas e outros instrumentos para o segmento privado, dando lugar a fábricas produtoras de diplomas, "formando" profissionais de baixa qualificação.

A maioria dos empregos gerados apresenta remuneração inferior a 2 SM e o desemprego, o subemprego quantitativo e qualitativo alcançam mais de 24 milhões de pessoas. Os cidadãos acordam todos os dias, trabalham exaustivamente, formal ou informalmente, sendo extorquidos de todos os modos, direta ou indiretamente, pelo poder público ou então pelos marginais. Como não conseguem chegar até o fim do mês com seus parcos rendimentos, endividam-se cada vez mais, acumulando dívidas impossíveis de serem pagas. Os escravos antigos trabalhavam duramente, mas tinham pelo menos casa e comida garantida. Os escravos modernos também trabalham duramente e nem isto conseguem obter.

A administração atual quer implantar uma reforma previdenciária inaceitável. A "terceirização" provocará consequências catastróficas ao trabalhador. A reforma trabalhista representa o tiro de misericórdia. O conjunto destas ações vai obrigar os poucos trabalhadores do andar de baixo a obter a aposentadoria e receber pouco mais de um SM, após contribuir por 49 anos, com o mínimo de 65 anos de idade. A maioria não conseguirá, pois é extremamente difícil conseguir contribuir pelo tempo estipulado. Na realidade, estarão pagando para a manutenção dos privilégios dos marajás do andar de cima, que continuarão a usufruir de suas escandalosas benesses.

Um exemplo disto é o ocorrido no Rio de Janeiro, onde os integrantes dos Poderes Judiciário, Legislativo e a nata do Executivo recebem em dia, enquanto a maioria está há meses sem receber. Reina o caos econômico, social e político. Prepara-se um "acordão" para que "mal feitos" permaneçam impunes. Isto é inadmissível em qualquer país do mundo, ainda mais no século XXI.

**Marcos Coimbra**  
Economista

**16 - Dia do Teatro Amador**

A data é dedicada às pessoas que não têm formação acadêmica, mas amam e se dedicam a essa atividade por prazer. No

teatro amador, o roteiro, a montagem da peça, os cenários, os figurinos e a maquiagem são feitos pelos próprios atores.

**História do Teatro Amador**

No século dezesseis, os jesuítas trouxeram o teatro amador para o Brasil. O objetivo era catequizar os índios. O padre José de Anchieta utilizou a arte para lidar com os nativos. Com isso, as apresentações amadoras se tornaram atividades oficiais promovidas em comemorações religiosas e cívicas.

Atores consagrados como Antônio Fagundes, Ney Latorraca, Edson Celulari e Regina Duarte surgiram a partir de grupos amadores..

**02 - Dia da Astronomia**

A data homenageia a ciência que explora, observa e estuda o universo e tudo que existe nele: planetas, estrelas, satélites naturais, galáxias e etc.

A astronomia é uma das ciências mais antigas que existem no mundo, responsável pela descoberta da origem, movimentação, composição e demais comportamentos dos corpos celestes que estão espalhados por todo o universo.

Os astrônomos - estudiosos e cientistas que estudam a ciência da astronomia - olham para o céu em busca de respostas para as grandes e pequenas questões sobre o que existe além da imensidão do "manto azul" do firmamento terrestre.

O Dia da Astronomia no Brasil surgiu em homenagem à data de nascimento do imperador Pedro de Alcântara, Dom Pedro II (2 de dezembro), que era considerado um astrônomo amador e o patrono da astronomia brasileira.

**02 - Dia Nacional do Samba**

O Brasil é conhecido internacionalmente pelo samba, um estilo musical e de dança típico do país. O Carnaval é a festividade onde o samba seria popularizado virando o ritmo oficial da festa.

O samba é apreciado pelos brasileiros em todo território nacional, porém, tradicionalmente, o ritmo tornou-se "marca registrada" do Rio de Janeiro e da Bahia.



O Dia Nacional do Samba não é uma data comemorativa oficial e foi aprovado como lei estadual do

Estado da Guanabara (atual município do Rio de Janeiro), através da Lei nº 554, de 27 julho de 1964.



2007-2020

# Gazeta Valeparaibana

Você é o que você lê!

## O mundo pós-pandemia: estudiosos falam sobre os impactos do coronavírus no futuro



Diante da pandemia causada pela Covid-19, a humanidade carrega o desafio de aceitar incertezas e acolher as transformações.

É difícil calcular de forma precisa os danos que o novo coronavírus (Covid-19) tem causado em esfera global. São mortes, a ruptura no sistema de saúde de muitos países atingidos e a crise econômica que já alcança as mais diversas camadas sociais.

Originado na cidade de Wuhan, na China, no final do ano passado, ainda não se sabe de forma clara como ocorreu a mutação do vírus que agora protagoniza um dos mais graves períodos da história da saúde mundial.

Classificada como Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de fevereiro deste ano, a pandemia impôs uma série de medidas de proteção que impactam diretamente no cotidiano das populações, exigindo, sobretudo, o distanciamento social, e com ele, uma inventiva e desafiadora nova rotina, na qual é necessário encarar os medos e estar aberto a compreender as transformações.

O mundo pós-pandemia traz muitas interrogações, questionamentos principalmente sobre como a humanidade caminhará diante das dificuldades e aprenderá importantes lições. Por isso, o jornal Unifor Notícias, da Universidade de Fortaleza, da Fundação Edson Queiroz, entrevistou especialistas para falar sobre o que esperar do futuro. Confira a seguir:

"Posso pontuar algumas novidades que poderão fazer parte de nosso futuro depois dessa pandemia e outras ferramentas já existentes mas que

irão se popularizar. Acredito que passaremos a ter número de identificação digital, bem como haverá uma maior vigilância eletrônica, acredito também que iremos melhorar as nossas competências de trabalho e educação através de sistemas online.

Em um primeiro momento pós-pandemia as pessoas irão procurar um maior contato físico, o que pode ocasionar uma queda nas redes sociais. Sendo otimista, acredito também que o processo de globalização irá sofrer, as pessoas podem ter uma ação comunitária em comprar dos menores e não das grandes companhias."

**André Lemos** é especialista em cultura digital, engenheiro, mestre em Política de Ciência e Tecnologia e professor da Faculdade de Comunicação UFBA.

"Tudo isso vai gerar muita insegurança e mais ansiedade por parte das pessoas. E a ansiedade é um gatilho para fazer nascer grandes questões, grandes adoecimentos como as depressões e as síndromes do pânico. Outro aspecto é o medo, com certeza estaremos vivendo com muito mais medo. Renunciamos às causas ideológicas, então, tudo o que nos resta é uma administração eficaz da vida, isso é a biopolítica, uma pós-política que deixa para trás nossos velhos combates ideológicos para se centrar na gestão e administração especializadas na vida. E, ao mesmo tempo, existe também uma sincronia, não temos uma medicação, não temos uma vacina, então, estamos todos submetidos a mesma experiência, ao medo de ser contagiado.

O que eu gostaria que acontecesse mesmo na pós-pandemia: um mundo mais solidário, em que os laços fossem feitos de formas mais sólidas e fortificadas, eu gostaria que a palavra do nosso velho Sigmund Freud valesse quando ele diz que nós 'somos constituídos como sujeito a partir de um olhar do outro', que nós precisamos desse outro para nos constituir, formar nossa subjetividade. Eu gostaria que no mundo pós-pandemia, isso fosse valorizado, de que não podemos viver isolados, não podemos viver sem o outro. Precisamos da presença do outro, precisamos do corpo do outro, que o medo não nos distancie ainda mais desse outro, que ele não seja uma ameaça, mas sim uma ponte para construção de projetos, de uma sociedade mais justa e solidária."

**Juçara Mapurunga** é Doutora em Psicologia e professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Unifor.

"Acredito que não seremos os mesmos. Claro, vamos ter muitas questões negativas, mas partindo para o lado positivo, o que podemos fazer é tentar enxergar a vida de uma forma menos orquestrada, valorizar mais o subjetivo que a vida dá. Creio que estaríamos perdendo uma grande oportunidade se a gente não aprender e não mudar. Ao longo das últimas semana, estamos reparando nesse 'tão perto' que antes parecia 'tão longe'. A pandemia trouxe uma ressignificação para o que era óbvio e a gente não via por todo esse maquinário que nos ocupa e nos cega enquanto seres humanos. Acredito que poderemos sair melhores, uma sociedade melhor."

**Mailson Furtado** é escritor, diretor, ator, dramaturgo e cirurgião-dentista.

"É difícil tentar prever os efeitos da pandemia. Alguns autores dizem que teremos um mundo completamente diferente. Eu, particularmente, não acredito nisso. Acredito que sim, deve ser diferente, mas não acho que nós vamos ter mudanças radicais, por exemplo, na política ou nas nossas relações sociais e pessoais. Tem uma questão política fundamental: o grande perdedor da pandemia foi o discurso neoliberal, que vinha pregando a ideia de que o mercado e a sociedade, por conta própria, se organizam e resolvem seus problemas.

A pandemia veio mostrar que não é assim, que realmente precisamos de um Estado preocupado com políticas públicas rigorosas e profundas para organizar não só a saúde, como também a economia. Na vida social, pode ser que as redes sociais fiquem afetadas, no sentido de que trabalham muito com as futilidades e com o imaginário, nós pagamos um preço muito alto por isso, como as fake news, por exemplo. Outro ponto é que a ideia da Ciência como algo para ajudar o lado social pode sair fortalecida também dessa crise. Não sei até que ponto, porque a relação entre Ciência e Política é muito complicada, mas teríamos que ver, no novo cenário, qual seria o lugar do discurso científico na estrutura do Estado."

**Leonardo Danziato** é psicanalista, Doutor em Sociologia e professor do Programa de Pós-

## 07 - Dia Nacional da Assistência Social

07 de dezembro de 1993, foi promulgada a Lei Orgânica de Assistência Social (Loas – lei nº 8.742) que define os objetivos, princípios e diretrizes da Política Nacional de Assistência Social. Com esse marco o Brasil passa a comemorar nesta data o Dia Nacional da Assistência Social.

Após, 17 anos de avanços significativos, o Brasil comemora a data em amplo processo de pactuação entre gestores, usuários e sociedade civil organizada.

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) resgatou a responsabilidade do Estado, mudando substancialmente o modelo de organização e gestão da assistência social que passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros e brasileiras, enquanto política de direitos. A aprova-

ção do PL SUAS no Brasil representa um grande avanço, não só na definição de ações cooperadas entre os entes federados, mas na consolidação legal das condições institucionais, que nos últimos anos vêm ampliando recursos e capacidade gerencial dos municípios, viabilizando serviços continuados e financiando pagamento de pessoal do quadro próprio da política de Assistência Social. Trata-se, portanto, da inscrição do conteúdo específico do direito à Assistência Social na Proteção Social Brasileira, com efetivação da continuidade e da ampliação progressiva de acesso à programas de transferência de renda não contributiva e a serviços sócioassistenciais por parte da população brasileira.

Callendar